

# **Apresentação**

*Este livro é, de alguma maneira, um testemunho. Em sua elaboração intervieram idéias, recordações, sonhos, amizades, exigências e utopias. A decisão de escrevê-lo foi tomada não só porque o campo da educação popular mostrava cada vez mais interesse e impaciência com respeito ao que é e como sistematizar, mas também porque, pessoalmente, havia chegado à convicção de que era indispensável a contribuição da sistematização para poder responder aos desafios desta nova época que estamos destinados a viver.*

*Esta convicção está fundada em outra, mais profunda ainda: que a história não é predeterminada, mas se constroeu com a vontade, a consciência, a ação e a imaginação de homens e mulheres de cada tempo. É o produto deste esforço construtor nunca é uma invenção absoluta nem mágica aparição. É sempre resposta a aspirações não realizadas, desafios pendentes, ilusões em gestação ou decisões inadiáveis, gerados e curtidos ao longo das experiências vividas.*

*Os processos de educação popular têm a virtude de estar palpitando nos mais recônditos rincões de nossa América Latina, a tal ponto que seria muito difícil compreender a história de nosso continente sem levar em conta suas contribuições - pelo menos nos últimos trinta anos - aos processos de organização popular, reivindicação social e democratização política.*

*Sem dúvida, o novo cenário deste fim de século colocou em questão as práticas e as concepções teóricas dos movimentos sociais e das ciências sociais latino-americanas. Enfrentamos novas perguntas e desafios inéditos. É um momento histórico privilegiado para a criação, mas as respostas às novas perguntas não vão surgir de nenhum outro lugar senão da experiência histórica acumulada.*

*Lamentavelmente, não acumulamos ainda as aprendizagens necessárias contidas nessas experiências. A sistematização, como exercício rigoroso de aprendizagem e interpretação crítica dos processos vividos, continua sendo uma tarefa pendente e hoje - mais do que nunca - pode contribuir de forma decisiva para recriar as práticas dos movimentos sociais e a renovar a produção teórica das ciências sociais, a partir da experiência cotidiana dos povos da América Latina, em particular daquelas comprometidas com processos de educação e organização popular.*

*Este livro insere-se dentro do conjunto de contribuições que ultimamente foram produzidas nessa linha e trata de colocar-se explicitamente em relação com elas, como contribuição a uma mesma busca. Sua contribuição particular reside no fato em que está baseado na prática que, como educador popular, realizei ao longo de mais de vinte anos, primeiro no Peru e em seguida na América Central, sempre como parte de uma equipe de pessoas críticas e engajadas, amigas e amigos próximos, dos quais tanto aprendi.*

*Convencido de que a fonte de nossos paradigmas está na experiência acumulada; que a história latino-americana não aconteceu em vão e que nossas práticas de educação e organização popular estão carregadas de ensinamentos, que é nossa responsabilidade resgatar, ofereço este texto escrito com carinho e convicção, como testemunho de teimosa vontade de querer construir cada dia nosso futuro, consciente de que, como diz o poeta Javier Heraud:*

*"O final da história  
o dirão meus companheiros,  
acima, abaixo e sobre a história,  
e contarão aos meus filhos  
histórias verdadeiras  
e para sempre viverá a esperança".*

**Oscar Jara H.**  
São José da Costa Rica, 19 de julho de 1994

# Introdução

## Por que se quer e muitas vezes não se pode sistematizar?

Entre os centros de educação popular e as instituições de promoção social da América Latina, é cada vez mais frequente encontrar uma grande preocupação em torno da *necessidade* e, às vezes, *dificuldade* de sistematizar as experiências. Nos últimos quatro ou cinco anos multiplicaram-se os eventos e publicações sobre o tema e colocaram-se, sobre o tapete da discussão, seus desafios mais importantes.

O trabalho de Diego Palma *A sistematização como estratégia de conhecimento na educação popular. O estado da questão na América Latina*<sup>1</sup>, representam uma excelente contribuição que permite ordenar o produzido até o momento, identificar suas confluências e divergências e avançar até à elaboração de novas propostas. Estas, integrando as contribuições convergentes, devem contribuir para obter consensos mais sólidos em relação ao tema e, sobretudo, que possam ser postos em prática de maneira generalizada na América Latina.

Abordando esta problemática a partir da ética dos educadores e animadores populares, constatamos que, em geral, todos queremos

---

<sup>1</sup> *Papeles de CEAAL*, Nº 3, Santiago, junho de 1992. Recomendamos a leitura deste documento, que tomamos como referência importante para avançar nos desafios que propõe.

sistematizar e todos reconhecemos sua importância; mas, sem dúvida, poucos são os que podem afirmar que o fazem. Por que? Fundamentalmente, por três razões:

### **Parece uma tarefa complexa demais**

As propostas mais difundidas aparecem, em geral, como excessivamente complicadas, tanto em sua linguagem como em seus procedimentos. Parece, portanto, que requerem um esforço extraordinário e muito especializado.

Isto causa três reações possíveis: primeiro, não atrever-se nem a começar; segundo, aventurar-se a começar e perder o alento em pouco tempo, seja porque as fases iniciais se prolongam e se enredam demais ou porque o ritmo de outras atividades impede a dedicação à sistematização pelo tempo necessário; terceiro, pensar em contratar um especialista para que assuma esta tarefa "tão importante" mas pouco exequível senão por uma pessoa "esperta" (o que supõe contar com suficientes recursos econômicos para remunerar "adequadamente" esta tarefa tão especializada).

### **Não se conta com definições claras**

Falta uma compreensão mais precisa em torno do *que significa exatamente fazer uma sistematização e quem são os indicados para fazê-la*.

Não fica muito clara sua diferença em relação à avaliação. Às vezes é entendida como um projeto de investigação; outras vezes é identificada como um informe de trabalho ou com uma lista ordenada de atividades realizadas. Não se sabe claramente que produtos concretos poderiam trazer. Tampouco está claro se se deveria sistematizar toda a experiência institucional ou se é possível fazê-lo só sobre uma experiência particular. Enfim, converte-se em algo misterioso, entre mágico e etéreo, que não se sabe por onde pegar.

Tampouco há clareza a cerca de *quem deveria sistematizar*. Não se sabe se deveria ser toda a equipe; se deve haver alguma pessoa responsável por fazê-lo permanentemente; se se deveria criar um setor de sistematização na instituição ou formar uma comissão para realizá-la durante um determinado período; se os sujeitos sociais com os quais a instituição trabalha também devem sistematizar ou se se trata de um trabalho exclusivamente institucional, etc.

### **Na prática não se lhe dá prioridade**

Os centros e instituições não têm definida como *política institucional efetiva* a dedicação da equipe à sistematização das experiências que realizam (ainda que no discurso seja mencionada como importante).

Normalmente se têm definido momentos para o *planejamento, a execução e a avaliação* institucionais, mas não se programam momentos para a sistematização. É muito comum que alguém afirme que "não se tem tempo para sistematizar", porque o ritmo das atividades é muito intenso. Isto reflete, muitas vezes, uma carência nas instituições no que diz respeito a refletir criticamente sobre o nosso fazer. Revela também que, no fundo, não se dá prioridade real à sistematização.

Em alguns casos, essa situação põe em evidência a distância que existe entre as instâncias de direção e os educadores ou animadores. Geralmente são estes últimos que manifestam mais a necessidade, mas são os primeiros que decidem as prioridades e políticas institucionais e pode ocorrer que não percebam a sistematização como algo tão importante ou útil como quem está trabalhando cotidianamente na tarefa educativa ou de animação.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Sobre esta distância e outros fatores que incidem nas experiências, necessidades e conflitos que vivem os educadores ou animadores institucionais, ver: Ruiz Bravo, Patricia e Percy Bobadilla, *Con los zapatos sucios*. Promotores de ONGD's, Escola para o desenvolvimento, Lima, janeiro de 1993.

### **Algumas pistas de resposta**

Neste texto queremos abordar essas dificuldades e propor, como pistas alternativas, algumas reflexões teóricas e metodológicas, como pautas operativas de sistematização, que surgiram de experiências práticas nas quais participamos ou que conhecemos de perto.

O primeiro capítulo parte de uma constatação: apresenta de maneira breve um panorama das mais difundidas propostas de sistematização surgidas em nosso continente, situando seus pontos de encontro e suas principais diferenças.

Os capítulos de dois a quatro buscam aprofundar teoricamente o estabelecido: contém uma proposta conceitual sobre o que é sistematizar, para que serve e que semelhanças e diferenças existem entre sistematização, avaliação e a pesquisa.

O quinto capítulo trata de abordar o problema de fundo da sistematização, explicitando o sustentáculo epistemológico de nossa proposta: a Concepção Metodológica Dialética.

Após esse processo progressivo de aprofundamento teórico, o capítulo sexto inicia um novo salto à prática, estabelecendo que condições pessoais ou institucionais serão necessárias para poder sistematizar.

Assim, chegamos ao capítulo sete, que apresenta uma proposta metodológica e operativa de como sistematizar, sustentando e exemplificando seus distintos componentes.

Por último, o capítulo oito contém uma mostra de experiências muito diversas de sistematização, que esperamos que sirvam de estímulo para disparar o gatilho da imaginação em todas as pessoas que buscam neste livro algumas pistas concretas para por em prática processos de sistematização em suas instituições ou organizações.

Esperamos contribuir com este trabalho tanto para reafirmar a importância e a necessidade da sistematização como para encontrar pistas concretas para fazê-la possível e viável entre os muitos homens e mulheres da América Latina que entregam suas vidas a cada dia como educadores, animadores e dirigentes populares.



**1º**

**Encontros e  
desencontros das  
propostas de  
sistematização**



O trabalho já mencionado de Diego Palma, permite-nos avançar rapidamente na questão de como se está concebendo e propondo a sistematização, justamente porque ordena e confronta diferentes propostas de sistematização, encontrando elementos de coincidência e de diferenciação entre elas.

Palma identifica várias propostas, das quais considero que se devem ressaltar as seguintes:

A que surge do *Centro de Cooperação Regional para a Educação de Adultos na América Latina e no Caribe (CREFAL)*, no México, particularmente com as contribuições de Pablo Latapí.

A do *Centro de Estudos do Terceiro Mundo (CEESTEM)*, também no México, que foi retomada posteriormente por Félix Cadena no *Programa de Sistematização do Conselho de Educação de Adultos da América Latina (CEAAL)*.

A que impulsionam, no Chile, o *Centro de Investigação e Desenvolvimento da Educação (CIDE)* e a *Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (FLASCO)*, especialmente Juan Eduardo García Huidobro, Sergio Martinic e Horácio Walker.

Todas difundidas entre 1980 e 1985.

Posteriormente, as propostas mais desenvolvidas surgem do *Centro Latino-americano de Trabalho Social (CELATS)*, em Lima, trabalhadas principalmente por Mariluz Morgan, Teresa Quiroz e María Luisa Monreal. Mais recentemente, o coletivo que trabalha o tema com maior constância é a *Oficina\* Permanente de Sistematização CEAAL-Peru*, onde Mariluz Morgan, Mirna Barnechea, Estela González, José Luis Carbajo e Ricardo Reyes, entre outros, contribuem para aprofundar e precisar a proposta do CELATS.

---

\* N.T. Traduzimos com "oficina" a palavra espanhola "taller".

Baseando-nos no trabalho de Palma, gostaríamos de sintetizar alguns aspectos gerais e acrescentar outros elementos que podem ser úteis para a reflexão que nos propomos realizar neste livro.

Diego Palma chega a cinco constatações básicas:

1. que, efetivamente existe uma *prática específica* que merece o nome próprio de "sistematização" e que, portanto, pode-se distinguir de outros esforços referentes ao conhecimento dos fatos sociais, tais como a investigação ou a avaliação;
2. que o termo "sistematização" é utilizado de maneira *ambígua* por educadores e promotores sociais e que entre os autores que escrevem sobre o tema não existe pleno acordo quanto aos conteúdos que se lhe atribuem;
3. que, entre as diferentes propostas, ainda que com diferentes enfoques e ênfases particulares (de concepção e de método), existem também *influências mútuas* e "filiações mestiças";
4. que a fonte de *unidade* fundamental, manifestada na coincidência dos objetivos gerais, encontra-se num marco epistemológico comum:

"...todas as propostas de sistematização expressam uma **oposição flagrante com a orientação positivista** que guiou e ainda guia as correntes mais poderosas da Ciências Sociais...Todo o esforço para sistematizar, qualquer que seja sua tradução mais operacional, inclui-se nessa alternativa que reage contra as metodologias formais.

A sistematização inclui-se nessa ampla corrente que busca compreender e tratar com **o qualitativo** da realidade e que se encontra em cada situação particular.

Uns a explicitam e outros não, mas a oposição à redução positivista de toda sistematização se funda em uma epistemologia dialética".<sup>3</sup>

5. que as fontes principais de *diferenciação* encontram-se em:

Os **objetivos específicos** que se perseguem prioritariamente com a sistematização; quer dizer, se a sistematização se faz:

- *para* favorecer o intercâmbio de experiências; ou
- *para* que a equipe tenha melhor compreensão de seu trabalho; ou
- *para* adquirir conhecimentos teóricos a partir da prática; ou
- *para* melhorar a prática.

O **objeto concreto** que se sistematizará; ou seja, se o que se quer sistematizar é fundamentalmente:

- a prática dos educadores; ou
- a prática dos grupos populares; ou
- a relação entre educadores e educandos.

Assim, a diferença dependerá do fato de que se busca abranger o conjunto de práticas e relações ou, ao contrário, só um aspecto central dessa prática.

Finalmente, o trabalho mencionado coloca a debilidade principal na maioria das propostas de sistematização: *a metodológica*. Concordo em qualificar este aspecto decisivo como o principal

---

<sup>3</sup> Diego Palma, texto citado, p.13.

obstáculo com o qual os educadores populares e animadores nos encontramos quando queremos sistematizar.<sup>4</sup>

O tema da metodologia, na realidade, tem a ver com um conjunto de elementos teóricos e práticos que se 'entrecruzam' quando pretendemos executar uma proposta de sistematização: a **concepção** (do processo de conhecimento, do processo social, do que é sistematizar), as **categorias** que se utilizam (para o ordenamento ou a interpretação da experiência), a **sequência lógica** de passos ou momentos previstos, as técnicas e procedimentos operativos de cada passo, etc.

O que muita gente busca, enquanto método, é uma "receita" que possa ser aplicada rápida e facilmente a qualquer experiência, não importando seu contexto. Pensa-se que os assuntos de método referem-se simplesmente a uma lista de passos ou tarefas que se tem que seguir.

Não é comum o reconhecimento da complexidade do *metodológico em seu sentido mais profundo*: que implica sustentar teoricamente e organizar de forma rigorosa uma determinada sequência de momentos que seja coerente com uma fundamentação teórico-filosófica e que se execute de forma criadora (de acordo com as características de cada experiência e as particularidades do contexto).

As diferenças de método que encontramos nas distintas propostas de sistematização têm precisamente que ver com tudo isto; com diferenças de concepção, de objetivos previstos, de objetos que se propõe sistematizar e de experiências práticas de quem formula as propostas.

Definitivamente, o metodológico é um aspecto fundamental sobre o qual há que avançar, seguindo a experiência acumulada nesses encontros e desencontros. Por isso, as páginas que se seguem buscam contribuir, a partir de nossa experiência - em diálogo, aprendizagem e confrontações com outras experiências - uma fundamentação teórico metodológica e suas correspondentes consequências operacionais,

---

<sup>4</sup> Ver o capítulo "*Esa caja negra que llamamos metodologia*", texto citado, pp.25-31.

como uma forma de contribuir para que continuemos nos "encontrando".

**2º**

**o que é  
sistematizar?**





### **Primeira aproximação: A experiência**

Partamos da seguinte consideração básica: quando falamos de sistematização estamos falando de um exercício que se refere, necessariamente, a experiências práticas concretas. No nosso caso, vamos nos referir sempre a experiências de educação popular, organização popular ou promoção social.

Estas experiências são processos sociais *dinâmicos*: em permanente mudança e movimento. São também processos sociais *complexos*, em que se interrelacionam, de forma contraditória, um conjunto de fatores objetivos e subjetivos:

- as **condições** do contexto em que se desenvolvem;
- **situações** particulares a enfrentar-se;
- **ações** dirigidas para se conseguir determinado fim;
- **percepções, interpretações e intenções** dos diferentes sujeitos que intervêm no processo ;
- **resultados** esperados e inesperados que vão surgindo;
- **relações e reações** entre os participantes;

São processos particulares que *fazem parte de uma prática social e histórica mais geral* igualmente dinâmica, complexa e contraditória.

Estamos falando, então, de experiências vitais, carregadas de uma enorme riqueza acumulada de elementos que, em cada caso, representam processos inéditos e irrepetíveis. É por isso que é tão apaixonante a tarefa de **compreendê-las, extrair seus ensinamentos e comunicá-los**.

Como diz Alfonso Ibáñez:

"...As práticas de educação popular buscam inserir-se nos processos sociais e organizativos da população, visando a resolução de seus problemas, necessidades e aspirações, num contexto bem determinado. Em qualquer caso, põem-se em marcha ou impulsionam-se processos sociais de ação consciente e organizada, por meio de um reflexão crítica de sua situação, que permitam modificá-la no sentido do projeto histórico popular. Ele conduz, normalmente, à elaboração de estratégias político-pedagógicas de intervenção, em função do apoio e potencialização do protagonismo de distintos sujeitos populares.

Estamos, então, diante de experiências da realidade que são susceptíveis de ser entendidas e, portanto, sistematizadas de maneira dialética. Essas experiências de educação popular ou de promoção em geral, podem ser lidas ou compreendidas como uma *unidade rica e contraditória*, cheia de elementos constitutivos que estão presentes num movimento próprio e constante...Além disso, estas experiências, estes processos sociais, organizativos e culturais muito específicos, estão, por sua vez, relacionados com outros processos da realidade que possuem características similares..."<sup>5</sup>

Este ponto de partida é o que nos permite aproximar-nos da sistematização a partir do que a própria riqueza das experiências pede que se faça: **apropriar-se da experiência vivida e dar conta dela, compartilhando com os outros o aprendido.**

### **Segunda aproximação: o conceito de sistematização**

Já é um lugar comum entender a sistematização como uma reflexão da experiência. Sem dúvida, é evidente que nem toda reflexão

---

<sup>5</sup> Ibáñez, Alfonso: *La dialéctica en la sistematización de experiencias*, Revista Tarea, Lima, setembro de 1991, p.33. Acrescentamos esse texto completo em um anexo no final desse livro.

sobre uma experiência poderá ser classificada como "sistematização". Como vimos no item anterior, alguns autores enfatizam uns elementos mais que outros, de acordo com os objetivos ou objeto de sistematização que se propõem.

Por exemplo, há quem coloque o acento na **reconstrução ordenada da experiência**:

"Com esse conceito alude-se a um processo de reflexão que pretende ordenar ou organizar o que foi o caminho, os processos, os resultados de um projeto, buscando em tal dinâmica as dimensões que podem explicar o curso que assumiu o trabalho realizado. Como a experiência envolve diversos atores, a sistematização tenta elucidar também o sentido ou o significado que o processo teve para os atores que dela participaram".<sup>6</sup>

Enquanto que outros autores acentuam seu caráter de **processo produtor de conhecimentos**:

"Entendemos a sistematização como um processo permanente, cumulativo, de criação de conhecimentos a partir de nossa experiência de intervenção numa realidade social, como um primeiro nível de teorização sobre a prática. Nesse sentido, a sistematização representa uma articulação entre teoria e prática(...) e serve a objetivos do dois campos. Por um lado mostra como melhorar a prática, a intervenção, a partir do que ela mesma nos ensina (...); de outra parte (...) aspira a enriquecer, confrontar e modificar o conhecimento teórico atualmente existente, contribuindo para convertê-lo em uma ferramenta realmente útil para entender e transformar nossa realidade."<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> Martinic, Sergio: *Algunas categorias de análise para a sistematização*. CIDE-FLASCO, Santiago, janeiro de 1989..

<sup>7</sup>Taller Permanente de Sistematización , CEAAL-Peru: *Y cómo lo hace? Propuesta de método de sistematización*. Lima, junho de 1992.

Outros vão colocar a ênfase em que sistematizar implica **conceitualizar a prática, para dar coerência a todos os seus elementos:**

"Um dos propósitos principais da sistematização é a conceitualização da prática (...), para colocar em ordem todos os elementos que intervêm nela; não uma ordem qualquer, mas aquela que organiza o fazer, que lhe dá corpo, que o articula em um todo, em que cada uma de suas partes situe sua razão de ser, suas potencialidades e suas limitações (...) um "por em sistema" o fazer, na busca de coerência entre o que se pretende e o que se faz." <sup>8</sup>

Outros ressaltam o fato de que a sistematização é um **processo participativo:**

"Na Educação Popular, a sistematização é uma espécie particular de criação participativa de conhecimentos teórico-práticos, a partir de e para a ação de transformação, entendida como a construção da capacidade protagonista do povo."<sup>9</sup>

Concordando, basicamente, com os elementos que aparecem nessas diferentes abordagens, pensamos que ainda é necessário precisar mais aquilo que é próprio do tipo de reflexão ou conceitualização que realiza a sistematização. O que a diferencia de outros tipos de reflexão que se realizam a partir da prática e tem, igualmente, a intenção de teorizar sobre ela para transformá-la?

Parece que o mais característico e próprio da reflexão sistematizadora é que ela *busca penetrar no interior da dinâmica das experiências*, algo assim como meter-se "por dentro" desses processos sociais vivos e complexos, circulando entre seus elementos, percebendo a relação entre eles, percorrendo suas diferentes etapas,

---

<sup>8</sup>Antillón, Roberto: *Como entendemos la Sistematización desde una Concepción Metodológica Dialéctica? Documento para discusión*. IMDEC-ALFORJA, Guadalajara, 1991.

<sup>9</sup>Cadena, Félix: *La sistematización como creación de saber de liberación*. CEAAL. Santiago, sin fecha]

localizando suas contradições, tensões, marchas e contramarchas, chegando assim a entender estes processos a partir de sua própria lógica, extraindo ensinamentos que possam contribuir para o enriquecimento tanto da prática como da teoria.

Sintetizando esta característica essencial e própria, poderíamos aventurar-nos a afirmar que:

**A sistematização é aquela interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir de seu ordenamento e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que intervieram no dito processo, como se relacionaram entre si e porque o fizeram desse modo.**

Esta afirmação básica, contém sinteticamente várias afirmações particulares:

- Define a sistematização como **interpretação crítica**, quer dizer, como o resultado de todo um esforço para compreender o sentido das experiências, tomando distância delas.
- Assinala que essa interpretação só é possível se previamente se **ordenou e reconstruiu** o processo vivido nas experiências.
- É uma interpretação que se caracteriza por descobrir a **lógica** que conduz o processo, quais os fatores que intervêm nele e as relações entre eles.

A partir dessas afirmações centrais, poderíamos acrescentar outras características importantes da sistematização:

- A sistematização de uma experiência **produz um novo conhecimento**, um primeiro nível de conceitualização a partir da prática concreta que, uma vez que possibilita sua compreensão, leva a transcendê-la, a ir mais além dela mesma. Nesse sentido, permite-nos abstrair o que estamos fazendo em cada caso particular e encontrar um terreno fértil onde a generalização é possível.

- A sistematização, ao reconstruir o processo da prática, identificar seus elementos, classificá-los e reordená-los, faz-nos **objetivar o vivido**, "fazer uma parada para tomar distância" do que experimentamos vivencialmente e converter assim a própria experiência em objeto de estudo e interpretação teórica e, ao mesmo tempo, em objeto de transformação.
- A sistematização **põe em ordem conhecimentos desordenados e percepções dispersas** que surgiram no transcorrer da experiência. Assim explicita intuições, intenções e vivências acumuladas ao longo do processo. Ao sistematizar, as pessoas recuperam de maneira ordenada *o que já sabem* sobre sua experiência, descobrem *o que ainda não sabem* sobre ela, mas também revela-se *o que "ainda não sabiam que já sabiam"*.
- Ao sistematizar não só se atenta aos acontecimentos, seu comportamento e evolução, como também **às interpretações** que os sujeitos tem sobre eles. Cria-se assim um espaço para que essas interpretações sejam discutidas, compartilhadas e confrontadas.<sup>10</sup>

Acreditamos que essas características básicas perfilam uma concepção de sistematização que não se confunde com outros processos de reflexão, estudo ou comunicação de experiências. Nesse sentido, cremos que vale a pena reafirmar explicitamente que sistematização **não é**:

---

<sup>10</sup> Parece-nos muito precisa a forma como Martinic e Walter ressaltam essa característica: "*As práticas sociais que se estudam são entendidas como situações nas quais há atores involuntários. Estes conhecem e interpretam a realidade de modos diferentes que, por sua vez, tem relação com o mundo social e cultural ao qual pertencem. Trata-se assim de recuperar o que os atores sabem da experiência na qual participam (...) As interpretações que se produzem acerca da experiência e da prática dos sujeitos se assume como premissa (...) O que se vê agora são os sentidos que as ações têm para os atores que as promovem e os resultados que elas têm, de acordo com os propósitos que eles mesmos estabeleceram.*" Martinic, Sergio y Horacio Walker: *La reflexión metodológica en el proceso de sistematización de experiencias de educación popular*. CIDE. In vários autores, *La sistematización de projetos de educação popular*. CEAAL, Santiago de Chile, 1987, p.8. Ver também: Falkembach, Elza M.: *Sistematização*. SPEP, Universidade de Ijuí. Série Educação Popular, 1. Livraria Unijuí Editora, R.S., Universidade de Ijuí, R.S., Brasil, 199,p.11

- *Narrar* experiências ( mesmo que o testemunho possa ser útil para sistematizar, deve-se ir mais além da narração
- *Descrever* processos ( pois, ainda que seja necessário fazê-lo, é preciso passar do nível descritivo ao interpretativo).
- *Classificar* experiências por categorias comuns (esta pode ser uma atividade que ajuda o ordenamento, mas não esgota a necessidade de interpretar o processo).
- *Ordenar e tabular* informação sobre experiências (igual ao caso anterior).
- Fazer uma dissertação teórica *exemplificando* com algumas referências práticas (pois não seria uma conceitualização surgida da interpretação desses processos).

Concebida da maneira que propomos, a sistematização situa-se no caminho intermediário entre a descrição e a teoria, um terreno no qual temos pouco costume de transitar. A tendência a contar anedoticamente experiências vividas, a encaixar processos originais em esquemas rígidos pré-estabelecidos ou a jogar discursos abstratos com o pretexto de alguma referência a experiências de campo, atenta contra o modo de pensar dinâmico, rigoroso, processual, crítico e criativo que é indispensável para realmente "sistematizar".

Muitas aproximações ao conceito de sistematização não o abordam a partir da precisão de suas características essenciais, mas sim a partir dos objetivos que propõe, das utilidades que oferece ou dos procedimentos que aplica. Nós quisemos contribuir para a construção do conceito de sistematização a partir dos pontos de confluência de muitas propostas diferentes, tratando de ir um pouco mais além. Esperamos que sirva de incentivo a outros, para continuar aprofundando, num debate fraterno, essa tarefa de conceitualização, que só será possível se avançarmos também em nossas práticas.

Continuemos agora, na mesma linha, buscando precisar dois aspectos complementares que são de suma importância e cuja abordagem suscita muito interesse em educadores e animadores: a) para que serve a sistematização b) quais são suas diferenças com relação à investigação e à avaliação.



**3º**

***Para que serve  
sistematizar?***



Tendo apontado características essenciais que definem, a partir do nosso ponto de vista, o que é um processo de sistematização, passemos agora a assinalar algumas de suas múltiplas possibilidades de utilização em trabalhos de educação, animação e organização popular.

Uma primeira afirmação elementar é que *sempre sistematizamos para algo*. Não tem sentido sistematizar por sistematizar, só para "fazer uma sistematização" e ponto. A sistematização é sempre um *meio* em função de determinados objetivos que a orientam e lhe dão sentido. Quer dizer, em função de uma *utilidade concreta* que vamos lhe dar, em relação com as experiências que estamos realizando.

Toda sistematização tem dois componentes básicos, aos quais podemos assinalar uma determinada utilidade: o **processo** de sistematização e o **produto** (ou produtos) da sistematização. Ambos os componentes estão intimamente ligados, mas é importante diferenciá-los, sobretudo na hora de definir a utilidade que esperamos obter deles.

De maneira muito sintética poderíamos resumir as múltiplas possibilidades e utilidades da sistematização do seguinte modo:

- **Ter uma compreensão mais profunda das experiências que realizamos, com o fim de melhorar nossa própria prática.**
- **Compartilhar com outras práticas semelhantes os ensinamentos surgidos com a experiência.**
- **Conduzir à reflexão teórica (e em geral à construção de teoria) os conhecimentos surgidos de práticas sociais concretas.**

### **Compreender e melhorar nossa própria prática:**

A sistematização possibilita compreender como se desenvolveu a experiência, *por que se deu dessa maneira e não de outra*; dá conta das mudanças ocorridas, como se produziram e porque se produziram.

Diferente de outros esforços reflexivos, a sistematização permite entender *a relação entre as diferentes etapas de um processo*: que elementos foram mais determinantes que outros e porque, e quais foram os momentos significativos que marcaram o desenvolvimento posterior de uma experiência e que deram determinadas viradas ao seu encaminhamento.

Sistematizar permite, assim, diferenciar os elementos constantes dos ocasionais; os que ficaram sem continuidade no trajeto, os que incidiram em novas pistas e linhas de trabalho, os que expressam vazios que apareceram muitas vezes. Assim, permite determinar os momentos de aparecimento, de consolidação, de desenvolvimento, de ruptura, etc., dentro do processo e como os diferentes fatores comportaram-se em cada um deles.

Nesse sentido, a sistematização possibilita entender a lógica das relações e contradições entre os diferentes elementos, localizando *coerências e incoerências*: por exemplo, entre a dinâmica do processo particular que realizamos e os desafios que a dinâmica social geral havia colocado para nossas práticas. "A localização das etapas pelas quais uma organização ou instituição passou, toma sentido na medida em que se vão estabelecendo as relações e as conseqüentes adequações dos projetos, em função do desenvolvimento dos processos de transformação social. No caso de um centro de apoio ao movimento popular, haveria que ver como se deu a evolução de seus programas com respeito aos diferentes momentos e conjunturas políticas que as organizações que se apoia estão atravessando".<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Antillón, Roberto "Como entendemos la sistematización desde una concepción metodológica dialéctica?" IMDEC in *Sistemat...que?* (seleção de textos), ALFORJA, São José, 1992, pp.53-58.]

Tudo isso só tem sentido na medida em que nos ajuda a entender *como chegamos ao momento em que estamos*; quer dizer, a explicar-nos nossa própria trajetória e não para reconstruir o passado por reconstruir e sim para poder *compreender melhor nosso presente*, localizando - a partir da trajetória acumulada - os elementos, características, contradições e desafios da etapa atual em que nos encontramos.

Evidentemente que, chegados a este ponto, a derivação lógica de uma reflexão de tal natureza só pode ser uma: obter conclusões que sirvam para melhorar a prática, para fazê-la mais coerente no futuro; para superar seus vazios, reafirmar os pontos fortes, insistir nos fatores cujo comportamento demonstrou que são "sinérgicos" <sup>12</sup> e para não repetir o que muitas vezes foi fator de debilidade ou desgaste.

Como dizem as companheiras da *Oficina de sistematização CEAAL-Peru*:

"A sistematização permite, ao refletir, questionar, confrontar a própria prática, superar o ativismo, a repetição rotineira de certos procedimentos, a perda de perspectiva em relação ao sentido de nossa prática. Nessa medida é um bom instrumento para melhorar a intervenção". <sup>13</sup>

Em síntese, o processo de sistematização permite *pensar no que se faz*, seu produto ajuda a *fazer as coisas pensadas*.

---

<sup>12</sup> Quer dizer, fatores que possuem a característica de dinamizar outros; que podem imprimir sentido e projeção a outros elementos que têm energias em repouso, sob a forma de potencialidades e que requerem que outro fator os incentive para liberá-las. Ver também, a respeito, a contribuição dada por Manfred Max Neef e os companheiros do CEPUR no Chile, ao falar de "satisfatores sinérgicos das necessidades humanas"; quer dizer, processos que podem satisfazer várias necessidades: *Desarrollo a escala humana*, CEPUR, Santiago, 1986.

<sup>13</sup> Em texto citado, pág. 8.

### **Extrair seus ensinamentos e compartilhá-los**

Cada experiência de educação, animação e organização popular é única e irrepitível; mas isso não significa que podem ser entendidas e mantidas isoladas, cada uma dentro de sua "própria verdade". Qualquer prática social transformadora tem intenções, apostas, desenvolvimentos e resultados que definitivamente servem de inspiração, iluminação ou advertência a outras práticas semelhantes.

Os grandes propósitos dessas experiências são geralmente confluentes ou, pelo menos, não antagônicos. Extrair os ensinamentos da própria experiência, para compartilhá-los com outros, deveria ser sempre uma linha de trabalho priorizada entre nós que fazemos educação e animação popular. Da mesma maneira que, inversamente, estar atentos para conhecer e aprender da experiência de outros deveria ser uma atitude permanente dos que crêem não possuir verdades definitivas e nem estar pondo em marcha práticas perfeitas. *Aprender e compartilhar* são, assim, dois verbos que não podem ser desligados do exercício de sistematizar.

Aqui reside, justamente, uma contribuição insubstituível da sistematização, entendida no sentido que estamos reafirmando: poder realizar uma confrontação entre experiências diferentes, baseada no *intercâmbio de aprendizagens*, de valorações qualitativas com respeito à lógica e aos elementos presentes nos processos que experimentamos.

Isto significa superar o intercâmbio descritivo ou narrativo das experiências, dos quais pouco se pode tirar, salvo se conhecermos como elas estão se realizando. O relato puramente anedótico, geralmente linear e cronológico, pode ser ilustrativo e, se está bem contado, pode ser até apaixonante, mas é um desperdício se não tiver uma explicitação de seus ensinamentos, o que o faria "compartilhável".

Evidentemente, com a sistematização não se trata de chegar a *comparar* experiências, nem mesmo de ver qual poderia ser "melhor" que as outras. Trata-se de compartilhar criticamente *os resultados que surgem da interpretação dos processos*; de colocar sobre o tapete da

reflexão coletiva as contribuições e os ensinamentos que se aprendem a partir do que foi vivido por cada um em particular.

Isto produz uma plataforma de abordagem para o encontro entre nossas práticas e para o aprofundamento teórico, radicalmente diferente e qualitativamente superior. Cria um novo ponto de partida que, sendo agora comum e coletivo, pode chegar a propor perguntas de um grau de complexidade maior, de um nível mais profundo de abstração, onde as confluências e diferenças entre as práticas individuais tomam um novo sentido e adquirem um valor explicativo mais relevante.

Com essa perspectiva, a sistematização contribui também para o intercâmbio de experiências, possibilidades que vão muito mais além do que pode oferecer uma classificação ordenada de experiências diversas que as agrupe e compare de acordo com determinadas características comuns: seus objetivos, metodologia, opção teórica, âmbito de ação, temas ou sujeitos prioritários.<sup>14</sup>

Com a visão que propomos, não pretendemos catalogar "a partir de fora" as experiências, enfatizando aquilo em que se parecem, e sim relacioná-las num nível de reflexão crítica, onde **o que difere contribui tanto ou mais que o semelhante** na busca de respostas de fundo frente às mesmas perguntas.

Por exemplo:

Poucas coisas semelhantes poderíamos encontrar entre uma experiência de educação popular em Colomoncagua, um campo de refugiados salvadorenhos de origem camponesa em Honduras, promovendo a saúde comunitária e enfrentando o trauma da guerra e do exílio, e uma experiência de educação popular com operários metalúrgicos que se realizava, na mesma época, no município de São

---

<sup>14</sup> Nesse sentido nossa proposta de sistematização se diferencia claramente do esforço por "ordenar experiências com vistas a estabelecer uma tipologia" ou "avaliar conjuntos separáveis", que caracteriza fundamentalmente o enfoque promovido pelo CREFAL baseado nas contribuições de Pablo Latapi e que marcariam posteriormente a orientação das propostas de Félix Cadena. Ver a respeito no documento de Diego Palma, já citado, nas págs.16 e 17. No item seguinte, retomaremos isto com mais detalhe.

Bernardo do Campo, no Brasil, e que em meio ao ascenso de greves, promovia a incorporação da luta por eleições presidenciais diretas. Dificilmente apareceriam juntas numa classificação. A narração do que sucedeu num e noutro lugar não passaria de uma informação interessante. Sem dúvida, a permitirá encontrar uma fonte de intercâmbio riquíssima em torno do reconhecimento dos fatores que estavam - em cada caso - facilitando ou dificultando a organização a partir da base; ou no papel decisivo que poderiam estar jogando a formação de educadores surgidos da própria população; ou de que maneira a produção de materiais educativos demonstrou ser útil ou não para o alcance dos objetivos; quais foram as relações entre dirigentes e base nas diferentes etapas, ou que importância teve, ao longo do processo, a vinculação com outros setores e organizações; ou que elementos permitiram vincular as necessidades imediatas com as perspectivas políticas de longo prazo...

É certo que para superar o nível descritivo é necessário um instrumental metodológico específico, mas isso veremos mais adiante.

Concluimos esse segundo ponto, assinalando mais um aspecto, que se deduz de todo o anterior: para que a sistematização sirva, efetivamente, ao intercâmbio de aprendizagem, será necessário não só interpretar as experiências, como também *fazê-las comunicáveis*.

Quer dizer, será necessário estruturar um *produto* com os resultados obtidos no *processo* de sistematização, de forma tal que permita a outros aproximarem-se adequadamente de sua compreensão e compartilhar seus ensinamentos, o que nem sempre é fácil. Os produtos podem ser muito variados, mas o importante agora é ressaltar que devem ser pensados com vistas a gerar um processo de *comunicação viva e retroalimentadora entre as experiências*.

O que significa isso? Que devemos entender como *intercâmbio* de experiências, não em seu sentido elementar de "conhecer umas as outras", mas sim no sentido de **confrontar as aprendizagens mútuas** que obtivemos com elas, de tal modo que nos permita olhar nossas próprias experiências com novos olhos. Aqui poderíamos distinguir três momentos:

1. A sistematização (como dissemos linhas acima) é um processo que permite "objetivar" o vivido.
2. Ao ter que dar conta de nossa prática, vemo-nos obrigados a expor ante os outros um produto que a comunique, o que significa realizar uma "segunda objetivação". Normalmente, este fato nos permite compreender ainda melhor os ensinamentos obtidos ou dar-nos conta de alguns vazios de interpretação que só se fazem evidentes quando buscamos explicá-los.
3. Ao tentar apropriar-nos das aprendizagens de outras práticas, vamos relacioná-las necessariamente com a nossa, pondo em confronto crítico os aspectos comuns e os diferentes. Realiza-se, desse modo, uma "terceira objetivação" de nossa própria experiência, graças às contribuições que nos suscitam as experiências alheias.

Seguindo esse processo não continuaremos a ver nossa prática com os mesmos olhos. Ao contrário, dialeticamente *reafirmaremos* posições que tínhamos antes, graças aos novos elementos que incorporamos, ou eles farão com que modifiquemos no todo ou em parte nossas apreciações iniciais. Isto fará com que tenhamos critérios orientadores válidos que permitam transformar e melhorar nossas próprias práticas e inseri-las dentro de um processo coletivo que as transcenda e por isso lhe dê sentido histórico.

Pelo que assinalamos nesse item, podemos concluir que esse intercâmbio vivo e retroalimentador, essa confrontação crítica, essa dimensão comunicativa, não pode ser considerado um aspecto secundário ou optativo, mas sim um aspecto *substancial* da sistematização. E isso é válido não só para melhorar a própria prática, mas também para contribuir à construção teórica.

### **Serve de base para a teorização e a generalização**

Esta utilidade da sistematização é, sem dúvida, a mais complexa de conseguir e requer maior aprofundamento. No capítulo V tentaremos abordar esse desafio a partir da perspectiva de uma

concepção metodológica dialética. Basta agora assinalar, de modo geral e introdutório, algumas considerações básicas sobre como a sistematização pode servir a esses propósitos.

Para transformar a realidade é preciso conhecê-la. Isso nos propõe o objetivo de produzir conhecimentos a partir de nossa inserção concreta e cotidiana em processos sociais específicos que fazem parte dessa realidade.<sup>15</sup> Se nossa inserção se dá principalmente através de processos de educação, animação e organização popular temos aí um excelente ponto de partida, precisamente pela riqueza e multidimensionalidade dessas experiências. Elas trazem elementos que normalmente não são tomados pelas ciências sociais:

"As práticas de animação e educação popular se realizam nos espaços particulares, incidem nas dimensões cotidianas da vida dos setores populares. Esta dimensão tem sido pouco estudada pelas ciências sociais, que têm privilegiado o conhecimento do geral, do 'macro'. A sistematização representa uma contribuição para a produção de conhecimento a partir e sobre o particular, o cotidiano, enriquecendo, confrontando e questionando o conhecimento existente sobre esses processos sociais, para que seja cada vez mais adequado às condições rapidamente mutantes da realidade em nossos países"<sup>16</sup>

O exercício de sistematização é um exercício claramente **teórico**; é um esforço rigoroso que formula categorias, classifica e ordena elementos empíricos; faz análise e síntese, indução e dedução; obtém conclusões e as formula como pautas para sua verificação prática. A sistematização relaciona os processos imediatos com seus contextos, confronta o fazer prático com os pressupostos teóricos que o

---

<sup>15</sup> Preferimos usar a expressão "fazem parte" em lugar de "são parte" para sublinhar a interrelação profunda entre o particular e o geral dos processos sociais. As dinâmicas do geral se expressam e vivem a partir do particular. Assim, tratamos de superar uma visão formalista e estática que vê essas relações como uma vinculação entre "o pequeno" (o particular) e o grande (o geral).

<sup>16</sup> Oficina de Sistematização CEAAL-Peru: *"A sistematização no interior do Coletivo de Apoio Metodológico do CEAAL"* (rascunho para discussão). Lima, 1991, p. g.4.

inspiram. Assim, o processo de sistematização se sustenta em uma fundamentação teórica e filosófica sobre o conhecimento e sobre a realidade histórico-social.

A sistematização cria novos conhecimentos; mas, na medida que seu objeto de conhecimento são os processos e sua dinâmica, permite trazer à teoria algo que lhe é próprio: explicações sobre a *mudança* dos processos.

"Trata-se não só de entender situações, processos ou estruturas sociais mas também, no fundamental, conhecer como se produzem novas situações e processos que podem incidir na mudança de certas estruturas".<sup>17</sup>

Com base nessas características próprias, como exercício teórico que permite criar conhecimentos a partir do cotidiano e explicar o fatores de mudanças nos processos, é que a sistematização pode contribuir de forma decisiva para a recriação e a construção de teoria dinamizando dialeticamente a relação entre o conhecimento teórico já existente, como expressão do saber acumulado, e novos conhecimentos que surgem de novas situações e processos. As integrantes da *Oficina de sistematização CEEAL-Peru* formularam esse desafio de maneira muito nítida:

"...a sistematização, como atividade de produção de conhecimento a partir da prática, aspira a *enriquecer, confrontar e modificar* o conhecimento teórico atualmente existente, contribuindo para convertê-lo em uma ferramenta realmente útil para conhecer e transformar nossa realidade. E' assim que a sistematização produz uma 'reconceitualização' mediante a qual as concepções teóricas vigentes são rede-finidas a partir da prática, a partir dos novos conhecimentos que se elaboram ao se refletir sobre a ação. Esses novos conhecimentos serão logo difundidos e, por sua vez, confrontados com outras experiências, num processo em espiral, flexível e dinâmico, onde o aprendido é sempre base para novos conhecimentos. Assim, a

---

<sup>17</sup> Martinic, Sergio e Horacio Walker: texto citado, p.7

sistematização e a socialização do novo saber produzido mediante ela(...), irá conformando um corpo de conhecimentos, produto da prática, que estará em condições de confrontar-se com a elaboração teórica atualmente existente".<sup>18</sup>

Definitivamente, a sistematização permite incentivar um *diálogo entre saberes*: uma articulação criadora entre o saber cotidiano e os conhecimento teóricos, que se alimentam mutuamente. Esta é talvez uma das tarefas privilegiadas da educação popular, o que reafirma a importância fundamental de sistematizar nossas experiências, não só pelas possibilidades que têm, mas pela responsabilidade que implica para nós, educadores e educadoras populares.

O que acabamos de dizer tem como consequência que, em trabalhos de educação popular, se tenha que empreender com igual rigor tanto o esforço por aprender e conceitualizar a partir da prática (o que vem a ser característico da sistematização), quanto o esforço por conhecer e dominar as características e os termos nos quais se estabelece o debate teórico atual.

Por último, não podemos deixar de assinalar que tudo o que foi expresso nesse item coloca a sistematização como um fator *indispensável e privilegiado para nossa própria formação*. Nossa experiências se convertem, graças a ela, na fonte mais importante de aprendizagem teórico-prática que temos: para compreender e melhorar nossa práticas, para extrair os ensinamentos e compartilhá-los com outros, para contribuir com a construção de uma teoria que responda à realidade e, por isso, permita orientar nossa prática à sua transformação.

Concebida assim, a sistematização não pode ser um fato pontual e sim permanente e deve, por conseguinte, ser realizada pelos

---

<sup>18</sup> Oficina de sistematização CEAAL-Peru: *Como fazer? Proposta de método de sistematização*. Lima, junho de 1992, págs. 6 e 7.

próprios educadores, animadores, dirigentes e setores populares que comprometem sua vida cotidianamente nesses processos.

**4º**

***A pedra de toque:  
confluências e  
diferenças entre  
sistematização,  
pesquisa e avaliação***



Uma das dificuldades mais frequentes para precisar em que consiste especificamente a sistematização é a indefinição das fronteiras e zonas comuns entre ela, a avaliação e a pesquisa social. Sendo esta uma causa de tropeços, pode, porém, converter-se numa fonte de avanços importantes se conseguirmos encontrar algumas pistas esclarecedoras.

Começaremos assinalando que essas três atividades são como irmãs de uma mesma família. Afirmemos, pois, que todas contribuem ao mesmo propósito geral de conhecer a realidade para transformá-la e que as três se situam no terreno do conhecimento.

Um segundo elemento que devemos considerar é que todas elas se alimentam mutuamente e as três são indispensáveis. Não podemos prescindir de alguma, se queremos avançar diante dos desafios teóricos e práticos que nos estabelecem os trabalhos de educação, animação e organização popular.

Uma terceira aproximação nos leva a colocar suas particularidades: a contribuição específica de cada uma ao propósito comum:<sup>19</sup>

- A *avaliação*, como a sistematização, representa um **primeiro nível de elaboração conceitual** e também tem como objeto de conhecimento a prática direta dos sujeitos que a realizam, ou seja, sua prática imediata. Mas sua lógica não é realizar uma interpretação da lógica do processo vivido, mas sim fundamentalmente *medir os resultados obtidos pelas experiências, confrontando-os com o diagnóstico inicial e objetivos e metas que se haviam proposto*. Essa medição não é somente *quantitativa* e sim deve aspirar a situar as mudanças *qualitativas* que a experiência produziu.

---

<sup>19</sup> Um maior detalhe sobre este aspecto pode ser encontrado no trecho sobre sistematização e construção teórica em: Jara, Oscar. "Capacitarse para sistematizar experiencias". Em "Sistemat...que?"(seleção de textos), ALFORJA, pp.98 & 99. Do mesmo modo no texto citado de Diego Palma, pp.8-12.

- Tanto a avaliação como a sistematização supõe realizar um **exercício de abstração** a partir da prática; mas enquanto a sistematização se centra nas dinâmicas dos processos, *a avaliação põe mais ênfase nos resultados*. A partir de sua contribuição particular ambas se convertem em *fatores integrantes de nossa própria formação*.
- A avaliação deve, por isso, ser considerada um **fato educativo**, útil para todos que participam da experiência e não como uma tarefa formal que faz um simples balanço entre custos e benefícios. Como o sistematização, a avaliação deve chegar a conclusões práticas e ambas *devem retroalimentar-se mutuamente* com o fim de confluir em seu propósito comum: melhorar nossos trabalhos.
- Este primeiro nível de conceitualização a que chegamos por meio da avaliação e da sistematização é **a base para um processo de teorização mais amplo e profundo**. Para passar aos outros níveis é necessário relacionar o conhecimento produzido a partir de práticas particulares com o conhecimento acumulado, sintetizado e estruturado nas teorias existentes.
- A *pesquisa*<sup>20</sup> (cujo objeto não se limita à própria experiência, podendo abarcar múltiplos fenômenos, processos e estruturas) é um exercício que **gera conhecimento científico**, e este se caracteriza porque "baseia-se num corpo teórico entendido como um conjunto de leis fundamentais que procuram compreender e explicar os movimentos e contradições inerentes da sociedade, que é confrontado e enriquecido com o conhecimento obtido de forma sistemática. Adquiri-se mediante formas metódicas. Os resultados assim conseguidos podem se avaliar e comparar. Os produtos de

---

<sup>20</sup>E' certo que aqui estamos nos referindo à investigação que se realiza nas ciências sociais, a partir de uma perspectiva dialética, crítica e comprometida com os interesses populares. Em particular, àquela que se deve realizar como uma dimensão necessária do trabalho de educação, animação e organização popular. Colocamo-nos claramente na vertente que Diego Palma qualifica de "investigação crítica", oposta à corrente positivista que impregna certas correntes das ciências sociais.

conhecimento incorporam-se a um sistema que se enriquece e se aperfeiçoa".<sup>21</sup>

- A pesquisa social realiza um exercício teórico que nos permite uma compreensão das determinações mais profundas e essenciais da realidade histórico-social. A pesquisa enriquece a interpretação da prática direta que realiza a sistematização, com novos elementos teóricos, *permitindo um maior grau de abstração e generalização*.<sup>22</sup>

Como acontece com a avaliação, a pesquisa e a sistematização **devem retroalimentar-se mutuamente**, cada uma contribuindo com o que lhe é próprio. Cada uma constitui uma maneira particular de aproximar-se do conhecimento da realidade e cada uma é insubstituível. Não devemos confundi-las, nem tampouco contrapô-las, como se uma anulasse a outra. Postulamos a importância fundamental de ambas. Por isso, assim como reconhecemos a urgente necessidade de impulsionar a sistematização nos projetos de educação, animação e organização popular, devemos reafirmar a não menos importante necessidade de incentivar a pesquisa.<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup>Quiroz, Teresa e María de la Luz Morgan: *"La sistematización, un intento conceptual y una propuesta de operacionalización"*. (Documento de trabalho do CELATs). In: Vários autores, *"La sistematización en proyectos de educación popular"*. CEAAL, Santiago, 1987.

<sup>22</sup>Para maior aprofundamento neste aspecto ver as características que destinamos à investigação a partir de um trabalho de educação popular:

"a) Não se separa o sujeito do objeto de investigação.

b) E' eminentemente participativa.

c) Permite a compreensão da realidade como um todo articulado.

d) Permite descobrir as causas dos fenômenos sociais.

e) Valoriza o conhecimento existente no povo.

f) Permite apropriar-se da capacidade de investigar..." In: Jara, Oscar: *"Investigación participativa: una dimensión integrante del proceso de educación popular"*, série Pensando la educación popular, Nº 3, Alforja, San José, 1990, pp. 9-17.

<sup>23</sup>Este tema nos remete, deste modo, à necessidade de aprofundar a relação entre "investigadores" e "animadores-educadores" ou entre aqueles e os setores populares. Em muitos centros de educação popular, por exemplo, existe uma separação radical entre as áreas de investigação e as de capacitação ou acompanhamento de base. Nos postulamos que todo educador ou animador popular deve saber fazer trabalho de base, avaliar, sistematizar e investigar. E' indispensável romper com o esquema intelectualista-academicista (e também o basista), que coloca a investigação em um "limbo" alijado da prática do trabalho popular e a supervaloriza ou subvaloriza.

Na identificação das zonas comuns e diferentes desses três esforços reside a "pedra de toque" que permite realmente avançar até uma definição precisa do conceito e do papel da sistematização.<sup>24</sup>

Nossa principal preocupação, sem dúvida, deveria estar centrada em como incorporar de maneira *efetiva, viável e permanente*, processos e produtos de avaliação, pesquisa e sistematização nos nossos trabalhos cotidianos, na dinâmica de nossas instituições ou organizações. Nessa tarefa, seguramente, encontraremos formas criativas de articulação prática entre elas, onde mais importante que descobrir as barreiras que as separem, será pôr em funcionamento os "vasos comunicantes" entre elas. Na prática, certamente nos encontraremos, inclusive, com momentos e atividades nas quais a diferenciação não será nítida e, além do mais, não terá maior sentido preocupar-se com isto.

---

<sup>24</sup>Como tudo que foi dito até aqui, vale a pena nos referirmos ao interessante esforço que Pablo Latapi realiza quando, buscando contribuir para a realização de "avaliações qualitativas" de conjuntos de projetos de educação de adultos na América Latina, propõe a necessidade de "ordenar experiências com vistas a estabelecer uma tipologia a partir do ponto de vista de seus enfoques teórico-sociais e a partir do ponto de vista de suas metodologias". Desse modo, de acordo com a opção ideológico-política que as inspira, o diagnóstico que realizam da realidade social, a intenção de incidir sobre certa realidade, os processos instrumentais que se põem em operação e a forma de inserção política, ele classifica as experiências de acordo com determinadas tendências. (Por exemplo: extencionista, de animação, educação-concientização, organização econômica, organização política, educação política, mobilização política). Nós pensamos que este trabalho constitui um esforço muito interessante de investigação documental, mas não o qualificaríamos de "sistematização". Ver: Latapi, Pablo, "*Tendencias de la Educación de Adultos en América Latina*". CREFAL, UNESCO, México, 1984.

**5º**

**O problema de  
fundo: a relação  
dialética entre  
prática e teoria**



*" O matemático Ta traçou uma figura muito irregular e convidou seus alunos a calcular sua superfície. Os alunos dividiram a figura em triângulos, círculos e outras figuras de superfície calculável; mas nenhum pode obter a superfície com exatidão.*

*Então o mestre Ta tomou um tesoura, recortou a figura, colocou-a sobre um dos pratos de uma balança, pesou-a e colocou sobre o outro prato um retângulo facilmente calculável. Em seguida foi recortando o retângulo até que os pratos se equilibraram. Me-Ti qualificou-o de dialético porque -diferente de seus alunos, que só comparavam figura com figura- considerou a figura a calcular como um pedaço de papel com um peso (e dessa maneira resolveu o problema como um **problema real**, sem levar em conta as regras)"*

**(BERTOLD BRECHT:**

*Me-Ti, el libro de las mutaciones)*

Afirmamos nos capítulos anteriores que a sistematização situa-se no difícil e pouco transitado caminho intermediário entre a descrição de uma experiência e a reflexão teórica; que a sistematização é um primeiro nível de conceitualização e que pretende contribuir na melhora da própria experiência e, às vezes, no enriquecimento da teoria. Em que se fundamentam todas essas possibilidades? O que permitiria que uma reflexão sobre uma experiência específica possa aspirar contribuir na construção teórica? Quais seriam as características que deveriam ter para que, efetivamente, isso seja possível? Trataremos nesse capítulo de abordar estas interrogações a partir da *Concepção Metodológica Dialética*.<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup>Colocaremos nesse capítulo algumas idéias centrais em torno da Concepção Metodológica Dialética, na sustentamos nossa proposta de sistematização. Pareceu-nos importante contribuir para o aprofundamento da reflexão sobre esse tema entre educadores e dirigentes populares. Para isso selecionamos umas leituras complementares que figuram neste livro como anexos.

## Uma Concepção Metodológica Dialética

A partir das experiências de educação popular muito se escreveu sobre a metodologia dialética<sup>26</sup>, sem dúvida, devemos reconhecer que sendo um tema complexo existe o risco grande de simplificá-lo e esquematizá-lo até o ponto de que para muitos educadores populares, a concepção dialética reduziu-se à "aplicação" mecânica e superficial de três "passos" nas atividades de formação, ao que se chama de maneira leviana de "prática-teoria-prática".

A *Concepção Metodológica Dialética* é uma maneira de **conceber a realidade**, de aproximar-se dela para **conhecê-la** e de atuar sobre ela para **transformá-la**. É, por isso, uma maneira integral de pensar e de viver: uma filosofia.<sup>27</sup>

A *Concepção Metodológica Dialética* entende a realidade como um **processo histórico**. Nesse sentido, concebe a realidade como uma *criação* dos seres humanos que, com nossos pensamentos, sentimentos e ações, transformamos o mundo da natureza e construímos a história outorgando-lhe um sentido.

---

<sup>26</sup>Em particular, no Alforja, levamos a cabo uma reflexão abundante sobre o tema. Ver, por exemplo: Carlos Nuñez: *Educar para transformar, transformar para educar*, Alforja, San José, 1984. Raul Leis: *Dialética e educación popular*, Alforja, San José, 1991. Oscar Jara: *Los desafíos de la educación popular*, Alforja, San José, 1984. *Aprender desde la práctica*, Alforja, San José, 1987. *Cómo conocer la realidad para transformarla*, Alforja, San José, 1991. Do mesmo modo, ver em anexo a esse livro *Elementos fundamentales de la Concepción Metodológica Dialéctica*, de Roberto Antillón.

<sup>27</sup>Gramsci a chamava: Filosofia de la Praxis, filosofia da prática conservadora. Recomendamos para maior aprofundamento: Adolfo Sánchez Vásquez: *Filosofía de la praxis*, Ed. Grijalbo, México, 1967. Karel Kosik: *Dialéctica de lo concreto*, Ed. Grijalbo, México, 1976. Rodolfo Cortes de Moral: *El método dialéctico*. Ed. Trillas, México, 1985. Antonio Gramsci: *Introducción a la filosofía de la Praxis*, Ediciones Península, Barcelona, 1978. *El materialismo histórico e la filosofía de Benedetto Croce*, Ed. Nueva Visión, Bs. As. 1973. Marx, Carlos, *Tesis sobre Feuerbach y La ideología Alemana*, Ed. Pueblos Unidos, Bs. As. 1973.

A *Concepção Metodológica Dialética* entende a realidade histórico-social como **uma totalidade**: um todo integrado, em que as partes (o econômico, social, político, cultural; o individual, local, nacional, internacional; o objetivo, o subjetivo, etc.) não podem ser entendidos isoladamente, senão em sua relação com o conjunto. É uma totalidade que não é vista como soma aritmética das partes e sim como *a articulação interna de todas as suas múltiplas relações*:

" Totalidade significa: realidade como um todo estruturado e dialético, no qual pode ser compreendido racionalmente qualquer fato(...) O princípio metodológico da investigação dialética da realidade social é o ponto de vista da realidade concreta, que antes de tudo significa que cada fenômeno pode ser compreendido como elemento do todo(...) Esta interdependência e mediação da parte e do todo significa, ao mesmo tempo, que os fatos isolados são abstrações, elementos artificialmente separados do conjunto, que só mediante sua união ao conjunto correspondente adquirem veracidade e concreção..."<sup>28</sup>

A *Concepção Metodológica Dialética* concebe a realidade em **permanente movimento**: uma realidade histórica sempre mutante, nunca estática ou uniforme, devido à *tensão* que exercem incessantemente as contradições entre seus elementos. Em todo processo histórico geram-se tendências contraditórias, cuja confrontação gera a mudança e o movimento. A origem das transformações encontra-se, assim, *no interior* dos próprios processos históricos, em cujo âmago começa uma relação de oposição recíproca entre aspectos ou polos contraditórios que ao vincularem-se entre si, tendem a excluir-se mutuamente.

Em qualquer processo histórico existe sempre algum elemento fundamental (objetivo ou subjetivo) que influi decisivamente no desenvolvimento dos acontecimentos e unifica de uma determinada forma o resto dos elementos integrantes. Sem dúvida, esta tendência

---

<sup>28</sup>Karel Kosik: *Dialéctica de lo concreto*, Grijalbo, México, 1976 págs. 55 e 61.

não surge nem se mantém de forma passiva, e sim precisamente como **uma opção que se impõe sobre outras possibilidades**, que são negadas por ela. Como os acontecimentos não se detêm, a tendência dominante tem que se enfrentar constantemente com novas condições e o surgimento de outras opções que, por sua vez negam a que se impõe atualmente. Esta relação de confrontação permanente entre opções postas ou distintas, origina a **mudança** contínua nos processos históricos.

### **Os fenômenos sociais são criação histórica**

Para a *Concepção Metodológica Dialética* a realidade é, ao mesmo tempo, una, mutante e contraditória porque é histórica; porque é produto da atividade transformadora, criadora dos seres humanos. No devir histórico da humanidade, mundo existente e desafio por construir, os homens e mulheres desenvolvemos nossas relações fundamentais: com a natureza, com as demais pessoas, conosco mesmo. Essas relações expressam-se como fenômenos sociais.

Com uma *Concepção Metodológica Dialética* é absurdo tratar os fenômenos sociais como se fossem "coisas", como se fossem fatos estáticos ou imutáveis que podemos estudar "de fora". Para a corrente positivista das ciências sociais este seria o ideal do conhecimento científico da sociedade: estudá-la da mesma maneira que as ciências naturais estudam a natureza, Desta forma, segundo eles, ter-se-ia um conhecimento "objetivo", no qual se descrevem e se catalogam os fenômenos, estuda-se seu funcionamento e suas regras, prevê-se seu comportamento e encontram-se fórmulas que os explicam.

Os cientistas positivistas pretendem isolar-se dos fatos sociais (vistos como coisas), libertar-se de toda subjetividade, ser absolutamente imparciais e neutros, (portanto, apolíticos) basear-se só no empiricamente mensurável e verificável, para obter conclusões que expliquem o comportamento da "realidade" (os pedaços dela que se separaram dos demais pra serem estudados). Não há sentido para eles em interrogar-se acerca das causas profundas dos fenômenos, relacioná-los com a totalidade histórica, criticar a ordem estabelecida,

perguntar se é possível mudá-la por outra melhor e menos ainda estabelecer o papel que lhes compete como pessoas nos processos sociais.

### **Somos sujeitos e objetos de conhecimento e transformação**

Esta visão de "conhecimento científico do social", que separa o *sujeito* que conhece, do *objeto* por conhecer; que isola uma parte do todo; que pretende eliminar qualquer juízo de valor, sensibilidade ou emoção da análise, porque lhe tirariam "objetividade" e "cientificidade", não é exclusiva dos cientistas positivistas: muita gente pensa que essa é a única forma de conhecer válida e aceitável. E, como os discípulos não dialéticos do matemático Ta, enredam-se nas formalidades, nos esquemas vazios, nos discursos abstratos, sem poder entender os problemas reais e - o que é pior - sem fazer nada que contribua para resolvê-los.

A partir da perspectiva dialética, ao contrário, aproximamos-nos da compreensão dos fenômenos sociais desde o interior de sua dinâmica, como **sujeitos** participantes na construção da história, totalmente implicados de forma ativa em seu processo. Nossa prática particular, como indivíduos ou grupos sociais (com nossas ações, sentimentos e interpretações), faz parte dessa prática social e histórica da humanidade. Somos protagonistas ou vítimas de suas mudanças e movimentos; somos, em última instância, responsáveis por seu devir.

Por isso, não podemos aspirar simplesmente a "descrever" os fenômenos e a "observar" seus comportamentos e sim devemos nos propor a *intuir e compreender suas causas e relações, identificar suas contradições profundas, situar honestamente nossa prática como parte dessas contradições, e chegar a imaginar e a empreender ações tendentes a transformá-la*. "Transformar a realidade", a partir da perspectiva dialética, significa transformarmos a nós mesmos como pessoas, com nossas idéias, sonhos, vontades e paixões. Somos assim - ao mesmo tempo - sujeitos e objetos de conhecimento e transformação.

## **A união entre teoria e prática**

Dessa visão surge uma compreensão *articulada* entre prática e teoria: em cada processo social encontram-se "conectados" de forma particular todos os fios de relação com a prática social e histórica. Mas estas relações não são visíveis à percepção imediata: é preciso encontrá-las e localizar cada prática numa visão de totalidade. É a teoria que nos permite realizar essa interpretação. Porém a finalidade deste empenho não termina na conclusão teórica. É necessário voltar novamente à prática, agora sim com uma compreensão integral e mais profunda dos processos e suas contradições, a fim de dar sentido consciente à prática e orientá-la numa perspectiva transformadora.

Essa visão de realidade como totalidade histórica, contraditória e mutante, produto da prática transformadora da humanidade, que exige um esforço teórico-prático de conhecimento e transformação, coloca-nos ante os processos sociais com um atitude fundamental: ter disposição criadora, ter a convicção de que o que hoje existe não é a única realidade possível e que não tem sentido se propor a conhecer a realidade só para "constatar como é". É necessário chegar a propor *como queremos que seja*, que realidade poderia existir. Por isso, assumir uma Concepção Metodológica Dialética significa situar-se ante a história a partir de uma posição profundamente crítica, questionadora e criadora, para enfrentar de forma ativa e consciente os problemas como problemas reais (como o matemático Ta de nossa citação inicial).

Vejamos, na continuação, com mais detalhe, como pode se dar esse processo dialético que permite relacionar os fenômenos sociais que aparecem na superfície da realidade, com suas determinações mais profundas que os conectam à totalidade dos processos históricos:<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup>Para um aprofundamento maior nesse aspecto, recomendamos o seguinte texto: Karlhein Tomachewski, "*Didáctica General*", Grijalbo, México, 1966.

### **Da percepção viva ao pensamento abstrato**

Sempre percebemos a realidade em que vivemos por meio dos sentidos. Esta é a primeira forma de conhecimento e a primeira fase na formação de conceitos. Ela nos permite captar a *aparência exterior* das coisas e situações.

Esta percepção não é um ato passivo onde a realidade "nos entra" de fora, através dos sentidos que estariam simplesmente esperando receber impressões do mundo exterior. É sempre um **fato ativo**, no qual intervêm elementos de nosso pensamento, nossa memória ou nossas emoções. A percepção dos fenômenos é uma "percepção viva", produto da nossa implicação total como pessoas nos acontecimentos da vida cotidiana.

Para passar da aparência externa dos fatos e situações que vivemos em nossa realidade imediata e penetrar em seus elementos essenciais, suas causas, suas contradições fundamentais é necessário que nosso pensamento realize um **processo de abstração**, porque essas conexões são invisíveis à percepção dos sentidos.

Um processo ordenado de abstração permite realizar essas percepções, desagregar seus elementos e estudá-los em separado; também, relacionar os fatos, situações ou idéias que tenhamos como ponto de partida, com outros fatos, situações ou idéias que podemos conhecer indiretamente através de leituras, imagens ou informações de outras pessoas. Desta forma, intelectualmente, podemos progressivamente ir selecionando o importante do secundário e, através da síntese de suas características, encontrar e construir conceitos e juízos cuja validade possa ser comum a vários fatos ou situações.

O processo de abstração incorpora diferentes operações lógicas: de análise e síntese, de indução e dedução, que se inter-relacionam mutuamente.

## **Análise**

Permite desagregar um acontecimento ou situação em seus diferentes componentes, estudá-los em separado, procurando localizar sua estrutura interna as característica particulares de cada elemento.

A análise nos permite ir ao fundo dos aspetos próprios de cada elemento ou fator presente na realidade, (E' como enfocar o olhar sobre *cada* árvore em um bosque).

Por exemplo, em uma experiência de animação popular que se realiza com grupos de populações em uma zona urbana, poderiam ser *analizadas* em separado: as ações das mulheres; o papel que cabe à instituição de promoção; as concepções e expectativas dos jovens; as vinculações entre os organizados e os não organizados, etc.

## **Síntese**

Percorre o caminho inverso: obtém conclusões baseando-se na relação entre distintos componentes (ou encontrando seus pontos comuns e suas principais diferenças). Reordena os diferentes elementos de acordo com prioridades, distinguindo aspectos fundamentais ou secundários.

Uma síntese é mais que um "resumo" que só faz uma recapitulação breve do realizado; é a operação intelectual por excelência, que coloca as partes em relação ao todo. (E' como compreender o bosque relacionando as características das árvores).

A síntese permite formular conceitos (representação de fenômenos) e juízos (expressa relações).

Por exemplo, na experiência de animação citada poder-se-ia  *sintetizar*  o impacto conseguido pelo conjunto de atividades da instituição, ou, identificar os aspetos comuns e diferentes nas demandas e expectativas dos diferentes setores da população, etc.

A análise e a síntese são como as faces de uma mesma moeda: necessitam-se mutuamente.

### **Indução:**

E' o processo que, partindo dos fatos, de dados observáveis, ordena-os e compara, chegando a formular conclusões. E' um processo que vai do particular ao geral, do imediato ao mediato, do concreto ao abstrato.

A indução vai relacionando, com aproximações sucessivas, distintos juízos particulares até chegar a juízos mais gerais. Permite passar de situações concretas a uma  *conclusão abstrata*  de validade geral.

No exemplo mencionado anteriormente, se poderia ir estudando os diferentes componentes da relação entre instituição de promoção e comunidade, (realizando análise e síntese), compará- los com outras experiências e a partir disso, formular algumas conclusões sobre este tema.

### **Dedução:**

Percorre o caminho inverso: parte das formulações teóricas, dos conceitos ou leis já estabelecidas, para ir deduzindo conclusões específicas. Passa do geral ao particular, do mediato ao imediato, do abstrato ao concreto.

A forma dedutiva de chegar a conclusões é passar de um juízo geral, tomado como premissa válida, e ver como se manifesta em um caso concreto.

Em relação à experiência mencionada nos exemplos anteriores, qualquer trabalho de animação popular deverá basear-se em formulações teóricas que no campo da educação popular ou trabalho social já estão estabelecidas, para deduzir a partir delas algumas orientações para o trabalho nessas comunidades em particular.

Todas essas operações lógicas se entrelaçam de múltiplas formas, para poder chegar a afirmações que relacionam o concreto com o abstrato, as percepções com os conceitos, as contradições de fundo com suas manifestações nos fenômenos sociais. O geral se expressa através do particular, mas é o pensamento abstrato que permite descobrir suas relações.<sup>30</sup> Assim vão se construindo progressivamente as contribuições teóricas que, em permanente enriquecimento mútuo, *aspiram* a uma interpretação da realidade de validade cada vez mais geral.

O pensamento abstrato surge de nossa implicação vital em situações concretas; nasce "prende de prática" e só consegue interpretar o sentido e o movimento da realidade se servir para se localizar na prática histórica e suas opções. Por isso, **a teoria nunca é definitiva**

---

<sup>30</sup>Tomando como referência o exemplo já colocado, de um trabalho de animação popular, poderíamos dizer que nessas comunidades em sua situação concreta, encontram-se presentes - expressas de forma particular - todas as relações e contradições econômicas, sociais, políticas, ideológicas, culturais dessa sociedade. Essas relações e contradições não se mostram tal qual na aparência dos fenômenos, mas estão presentes nas expectativas das pessoas, em suas ações, em sua situação de emprego, condições de vida, história pessoal, etc. Daí é que é preciso conceitualizar, fazer um exercício teórico de análise, síntese, indução e dedução para descobri-las, compreendê-las e saber atuar frente a elas.

**nem absoluta**; está sempre em construção e recriação crítica, a serviço da prática transformadora e seus inéditos desafios.

**Contradições: tensões e opções**

O manejo das contradições é, talvez, um dos aspectos da perspectiva dialética que mais se esquematizou, porque, se foi fácil localizar a idéia de dois "polos" opostos, nem sempre ocorreu o mesmo com a noção de *unidade* entre ambos (para a maneira formal de pensar é compreensível que possa haver dois elementos opostos, mas é muito difícil entender que haja unidade entre eles. Este segundo aspecto é talvez mais crucial para pensar dialeticamente, porque é o que permite entender as relações em termos de totalidade.

Por um lado, é evidente que os termos opostos da contradição se negam e excluem mutuamente. Mas, por outro lado, é fundamental entender que entre eles se dá uma relação de *implicação*: um supõe necessariamente o outro. Quer dizer, os dois termos opostos estão relacionados entre si e se necessita que ambos existam para que possa se falar de "contradição". Esta categoria simplesmente assinala que há um **vínculo de oposição** entre eles. Sem um, não existiria seu contrário. Um é "oposto" *só em relação ao outro*.

A importância deste aspecto (a unidade dos contrários), reside em que é fundamental para entender as contradições como fator de movimento. Desta maneira evitamos cair em duas imagens da dialética: uma, que identifica a contradição como "choque" entre os termos opostos, de tal modo que não há situações intermediárias (ou estamos absolutamente num lado ou estamos no outro); outra, que identifica a contradição como algo que se pode "observar de fora", sem ter que tomar partido.

Por isso, em várias oficinas de educação popular, encontramos mais utilidade em ver as contradições como **tensões**, nas quais cada polo "puxa" para seu lado, numa permanente medição de forças com o

outro, e onde cada elemento que identificamos *estará sempre em relação com ambos os polos*.<sup>31</sup>

O entender as contradições como "tensões" ajuda a ver os polos contraditórios em sua inter-relação dinâmica e não como dois opostos isolados. Assim, ao captar o movimento da contradição e a inter-dependência entre seus polos, podemos descobrir o leque de situações intermediárias possíveis, que estariam mais próximas ou distantes dos respectivos extremos que geram a tensão. Desta maneira evitamos cair no erro comum de ver as contradições de forma simplista ou mani-queísta: "branco ou negro" (seria antes como situar uma escala de tons de cinza e encontrar nela o "lugar" a partir de onde vivemos e participamos na tensão).

Um elemento adicional é que as contradições, vistas como *tensões*, ajudam a entender melhor o caráter *ativo e histórico* de nossa prática. Não se trata de situar o espaço no qual supostamente o "destino" nos "coloca" de maneira passiva e imóvel. Trata-se de que relacionemos essas tensões, com nossas **opções**: quando vivemos, optamos; somos parte das contradições, vivemos suas tensões, e nossa prática contribui para reforçar o movimento da história em uma outra direção. Não há neutralidade nem abstenção possível.

## **Subjetividade e prática transformadora**

---

<sup>31</sup>E' o caso da oficina de sistematização que realizamos em agosto de 1991 em Ijuí, Brasil, organizado pelo Seminário permanente de educação popular da UNIJUI. Nele, estávamos trabalhando em torno de como se dá a relação entre os processos formativos e os processos organizativos. Após uma fase descritiva, passamos a um maior nível de aprofundamento tratando de identificar as contradições que estamos vivendo, como polos de tensão que dinamizam os processos. Tratava-se, pois, de localizar nossa prática formativa dentro dessas tensões. Para isso, fizemos um exercício que implicou:

a) Determinar as principais contradições dos processos organizativos em que participamos diretamente.

b) Assinalar os polos que determinam as tensões.

c) Identificar a tensão principal.

d) Localizar nossa prática dentro dessas tensões e em relação com os polos que as determinam.

Ver: "*Capacitarse para sistematizar experiencias*". In "*Sitemati...que?*" (seleção de textos) Alforja, San José, julho de 1992, págs.89 a 104.

Uma antiga tradição coletivista no pensamento progressista e revolucionário insistiu tanto em afirmar nossa dimensão social, nosso pertencimento de classe, nossos projetos globais de sociedade, a importância das condições "objetivas", que depreciou outro polo dialético que sempre está em tensão com aquele: a dimensão individual, cotidiana e subjetiva, que é uma dimensão **decisiva** para a interpretação do que existe e para a colocação em prática criadora do que queremos que exista.

Se somarmos a isso a influência do positivismo à qual fizemos referência anteriormente, podemos entender porque é muito comum que se menospreze a dimensão subjetiva ou se se lhe coloca atenção é quando se reduz a um único fator: a razão.<sup>32</sup>

Pelo contrário, a partir de uma perspectiva radicalmente dialética, como temos esboçado neste capítulo, não é possível separar objetividade de subjetividade. O componente subjetivo joga um papel preponderante na *vivência* da prática histórica, no esforço por sua *compreensão* teórica, e na *disposição* transformadora e criadora. A subjetividade se converte, assim, em um dado *objetivo* da realidade histórico-social, e, além do mais, constitui o fator *ativo*, transformador (e recriador) das situações objetivas.<sup>33</sup>

Muitas vezes se reduz o conceito de **prática**, às *ações* que as pessoas realizam. Mas prática, entendida em seu sentido profundo, não está composta simplesmente de "atividades", frias e quantificáveis. A prática é uma maneira de viver nossa cotidianidade, *com toda a*

---

<sup>32</sup>Evidentemente, tudo isso tem que ver não só com a influência do positivismo na ciência, como também com a origem do marxismo em polémica com o idealismo e a religião preponderantes no século XIX. Também é tributário da herança patriarcal, racionalista e machista da sociedade ocidental.

<sup>33</sup> Em um sugestivo trabalho, o nicaraguense Orlando Nuñez percorre várias dimensões da subjetividade e enfatiza seu caráter de fator ativo e criador dos processos histórico-sociais. A tarefa de "insurreicionar a consciência" é afirmada como fator indispensável não só para transformar a ordem social, como para *criar* uma nova. Sem esse impulso afirma, "as revoluções até agora têm aparecido mais como renovações do sistema anterior e menos como criação consciente de uma nova realidade. E' por isso que proponho parafrasear a conhecida tese de Marx sobre Feuerbach: "Até agora, os revolucionários não têm feito mais do que transformar o mundo. Trata-se de criar um novo". "*La insurrección de la conciencia*", UCA, Managua, 1988.

*subjetividade de nosso ser pessoas*, que é muito mais que só o que "fazemos", e que inclui, portanto, o que pensamos, intuimos, sentimos cremos, sonhamos, esperamos, queremos... Além do mais, tudo o que fazemos e vivemos tem para cada um de nós um determinado **sentido**: uma justificativa, uma explicação, uma orientação, uma razão de ser.

Por isso, tão importante como compreender o que fazemos, é situar o sentido com que orientamos esse fazer. Daí, que seja fundamental reconhecer e explicitar tanto nossas ações como nossas *interpretações, sensibilidades e convicções*. A confrontação entre elas nos permitirá descobrir as *coerências e incoerências* entre nosso fazer, nosso pensar e nosso sentir.

Ora, essas interpretações e sentidos não são unicamente individuais (ainda que estejam marcadas com o selo particular de cada pessoa) e devem ser colocadas em seu contexto social e histórico: idéias dominantes, sensibilidades dominantes, modas valores comumente reconhecidos como positivos ou negativos. Por isso adquire importância o reconhecer e explicitar a *proximidade* ou *distância* entre nossos sentidos pessoais e os comuns na sociedade que vivemos.

Dessa relação nasce a dupla possibilidade que enfrenta nossa subjetividade de maneira permanente:

a) "alienar-se" passivamente na corrente dominante, contribuindo para manter a situação estabelecida, a reprodução do passado, ou

b) afirmar-se criativamente ante o momento histórico que se vive, fundamentando convicções, interpretações e sentidos próprios; armando-se com a imaginação para a criação do novo.

Assim, nossa subjetividade, como fator ativo da transformação histórica, não é somente o espaço para a negociação das interpretações e sentidos que sustentam a velha realidade. É, fundamentalmente, o

espaço uma nova **ética**, para a afirmação de novos valores e sentidos, que devem expressar-se numa nova forma de pensar e viver, individualmente e em sociedade. Quer dizer, permite-nos não só transformar a realidade existente, mas ser capazes de criar uma nova.<sup>34</sup>

### **Concepção Metodológica Dialética e sistematização**

Nesse marco e com a perspectiva de uma maneira de pensar e de viver dialeticamente, é que a sistematização adquire uma virtude adicional: contribuir para a constituição de nossa subjetividade; quer dizer, contribuir a que nos convertamos em sujeitos transformadores e criadores da história. E isso é possível porque a sistematização permite dar conta não só das ações, como também das interpretações das pessoas, suas sensibilidades e afetos, suas esperanças e frustrações, suas crenças e paixões, as quais são decisivas para dar sentido à nossa prática.

Assim, a sistematização contribui para criar identidades e para que nos valorizemos como pessoas, contribui para qualificar todas as dimensões de nossa vida e para que consigamos cada vez mais coerência entre o que pensamos, dizemos, sentimos, queremos e fazemos.

Tal como foi exposto neste capítulo, então, o problema de fundo da sistematização, que na realidade é o problema de fundo para o conhecimento e transformação da realidade, centra-se na vinculação entre prática e teoria. Por isso, tentamos desfiar aspectos modulares da Concepção Metodológica Dialética com a qual sustentamos nossa análise e nossa proposta.

---

<sup>34</sup>Isto é particularmente válido no momento histórico em que vivemos, no qual o modelo neoliberal dominante conseguiu impor uma estrutura de valores baseada na lógica do mercado, que é a lógica do individualismo e da competência. La luta de funda dessa época se dá no terreno da ética: a afirmação e criação de novas identidades baseadas na solidariedade, na justiça, na amizade, na busca da felicidade coletiva, no respeito às pessoas, na harmonia com a natureza, na igualdade das relações de género..., em suma, na busca pela satisfação não só das necessidades básicas de alimentação, moradia, saúde, emprego, como também, das necessidades radicais como seres humanos. Ver a respeito: Afonso Ibáñez: "*Agnes Heller, la satisfacción de las necesidades radicales*". Alforja, San José, 1991.

Ali encontra-se raiz de uma teoria do conhecimento, de uma epistemologia fundada na praxis humana, histórica e dinâmica. Ali encontra-se a razão de ser da convicção de que é possível contribuir para a construção de teoria a partir de nossas práticas particulares nos processos sociais de educação, animação e organização popular; e de que é possível contribuir com essa teoria para a transformação da história.

Ali, em uma Concepção Metodológica Dialética, encontra-se, também, a fundamentação do percurso metodológico particular que deveríamos seguir em qualquer exercício de sistematização: partir da prática social que exercemos: organizar um processo de interpretação crítica dela, que vê do descritivo ao reflexivo; que realize de forma rigorosa -ainda que seja simples- análises, sínteses, induções e deduções; que situe nosso fazer nas tensões e contradições de fundo; que obtenha conclusões teóricas e ensinamentos práticos. Quer dizer, um método e procedimentos concretos que sejam coerência com sua fundamentação filosófica e que permitam fazer da sistematização, efetivamente, uma interpretação crítica de nossas experiências e uma ferramenta transformadora e criadora.<sup>35</sup>

Em resumo: prática e teoria, sensibilidade e imaginação, pragmatismo e utopia, rigor e flexibilidade, sentido comum e ética, lucidez e paixão, são componentes indispensáveis e inseparáveis desta maneira de ser -no mundo- de viver historicamente, que denominamos *Concepção Metodológica Dialética*, e ela é o fundamento que torna possível e dá sentido à sistematização de experiências.

---

<sup>35</sup>Ver, nesse sentido, nossa proposta de método no capítulo VII.

**6º**

**Condições para  
sistematizar.**



Após ter abordado o tema a partir de diversos ângulos, partindo das propostas existentes, propondo uma conceitualização e tratando de explicitar os fundamentos teórico-filosóficos dessa concepção, parece-nos que agora podemos entrar no terreno do como por em prática esta proposta de sistematização.

Para isto, parece-nos conveniente situar - antes de mais nada - as condições que tornam possível esse esforço. Existem tanto condições pessoais como institucionais que permitirão ou não realizar essa tarefa.<sup>36</sup>

### **Condições pessoais**

A experiência nos demonstrou que é fundamental que as pessoas que empreendam este exercício possam contar ao menos com três condições básicas:

- *Interesse em aprender da experiência,*
- *sensibilidade para deixá-la falar por si mesma e*
- *habilidade para fazer análise e síntese.*

### **Interesse em aprender da experiência**

Ainda que pareça algo muito elementar, nem sempre se conta com esta condição, que quase vem a ser uma qualidade pessoal nos educadores, animadores ou dirigentes populares. E' mais comum que se pense que só se pode "aprender" de livros ou cursos e que não se

---

<sup>36</sup>Ainda que o termo "instituição" vá estar mais relacionado às características dos centros de educação popular ou de animação( mal chamados de ONGs: organizações não governamentais), as condições são aplicáveis às organizações populares. Nesse sentido, afirmamos a convicção de que esta proposta não só pode, como deve incorporar as organizações populares em sua execução.

considere a própria experiência como uma fonte fundamental de aprendizagem.

Lamentavelmente, fomos formados em um esquema educativo no qual a vida e o estudo são vistos como duas coisas separadas, e não geramos nem o hábito e nem o convencimento da importância de "estudar" nossa própria prática.

Portanto, desenvolver essa condição significa, de alguma maneira, fazer uma ruptura com um esquema de pensamento; e isto deve-se fazer de modo consciente. Devemos motivar-nos a aprender do que fazemos. A melhor maneira será tentando-o a partir de experiências muito concretas, simplesmente perguntando-nos diante delas: "O que posso aprender disso?", "Que ensinamentos me deixa?". A melhor motivação será descobrir que, efetivamente, as coisas que fazemos todos os dias estão cheias de ensinamentos e que, simplesmente, é preciso que nos proponhamos aprender delas, fazendo perguntas à nossa prática.

É certo que colocar em prática essa motivação implica também em fazer outras rupturas com os moldes de pensamento e educação com os que muitas vezes nos deformaram. Por exemplo, significa romper com essa atitude passiva na aprendizagem que uma educação memorística, repetitiva e transmissora de conhecimentos elaborados gerou em nós. Ao contrário, pôr em prática essa motivação suscita a *disposição ativa a construir um pensamento criador*, inovador, que responda ao ritmo e à novidade dos processos e acontecimentos que vivemos.

Além disso, motivarmo-nos a aprender do que fazemos significa romper com essa atitude defensiva que busca refugiar-se nas "seguranças" que nos dá o já ter as respostas frente a muitas perguntas. Pelo contrário, propomos viver em permanente estado de *interrogação crítica sobre o que pensamos, fazemos e sobre o que nos acontece*; desenvolver em nós a capacidade de perguntar, do questionamento, de insatisfação ante respostas que possam corresponder a outros contextos ou momentos históricos. Em suma, buscamos desenvolver em nós a

qualidade de criar um **pensamento próprio** a partir dos desafios que nossa intervenção na história nos traça sempre como algo novo.

### **Sensibilidade para deixar falar a experiência por si mesma**

Esta outra condição também é uma qualidade que devemos incentivar em nós e que se complementa perfeitamente com a anterior. Implica desenvolver nossa capacidade de observações e de percepção, e educar nossa sensibilidade até os múltiplos detalhes que impregnam o que nos acontece na prática de todos os dias e que nos "falam" a partir daí.

Para isso, supõe-se libertar-se de preconceitos (quer dizer pré-juízos) e de esquemas rígidos de pensamento e olhar a experiência, não para comprovar como se cumprem ou não nossas idéias prévias, e sim para deixar-nos influenciar *pelo que efetivamente ocorreu*, tal como sucedeu e não como gostaríamos que tivesse sido.

Desenvolver em nós essa sensibilidade, supõe dar valor aos fatores cotidianos: não guiar-se só pelo impacto dos grandes acontecimentos, mas voltar a atenção aos matizes e sutilezas nos processos nos quais vivemos durante a maior parte do tempo. Isto implica ter um ritmo de atividades que nos permita prestar-lhe essa atenção. Também implica disciplinar-se em tomar nota desses elementos (registrá-los), o mais perto possível do acontecido e valorizar as diversas opiniões e interpretações que se comentam em torno do que vai acontecendo, etc.<sup>37</sup>

---

<sup>37</sup>No próximo capítulo desenvolveremos mais isso na parte que se refere ao registro.

### **Habilidade para fazer análise e síntese**

Parece que, além das condições mencionadas, qualquer pessoa que aspire a sistematizar experiências deveria ao menos desenvolver uma habilidade suficiente para o manuseio de duas operações básicas: a análise e a síntese.

A razão de se colocar essa habilidade como condição é que - de fato - não é possível extrair os ensinamentos de uma experiência prática se não conseguirmos ir **além** da mera descrição do acontecido; se não sabemos como decompor a complexidade dos fatos em seus diferentes aspectos; se não estamos habilitados para trabalhar as características de cada aspecto, penetrando em suas particularidades, e se não desenvolvemos a habilidade de localizar constantes, de relacionar uns aspectos com outros dentro de uma mesma ou várias experiências.

Lamentavelmente, essa é outra habilidade para qual normalmente nossos sistemas educativos tradicionais não nos preparou de forma suficiente e teremos que procurar como exercitar-nos mais nela.<sup>38</sup> De fato, começar a sistematizar é, quem sabe, a melhor oportunidade que podemos nos dar para fazer isso.

Em resumo, estas três condições pessoais, reflexo de três qualidades humanas por desenvolver, complementam-se entre si e não devem ser entendidas como "condições prévias" que se deve ter antes de começar, mas condições que vamos forjando em nós mesmos num processo de formação teórico-prático em que a sistematização deveria ser um componente importante.

As três condições mencionadas têm como característica comum o fato de serem uma tomada de posição contrária ao dogmatismo, a toda visão esquemática e mecanicista, à rotina e à

---

<sup>38</sup>Além de, certamente, outras fontes, recomendamos o capítulo sobre "*Ejercicios de abstracción*" do conhecido livro *Técnicas participativas para la educación popular* de Laura Vargas e Graciela Bustillos, editado pelo Alforja e reproduzido em quase todos os países do continente.

preguiça mental. Significam uma afirmação vital do desenvolvimento da criatividade, da imaginação, da reflexão crítica, da curiosidade e da inquietude intelectual. São expressão de uma maneira de pensar e de viver de forma apaixonadamente comprometida; quer dizer, verdadeiramente dialética.

### **Condições institucionais**

Tão importantes como as anteriores, as condições institucionais aparecem também como chaves para que a sistematização - tal como a concebemos - seja efetivamente possível e *viável*.

A condição básica, nesse nível, é *que a sistematização seja uma **prioridade** para a política da instituição*; quer dizer, que as instâncias de direção a tenham assumido como importante para a conquista dos objetivos institucionais e que, portanto, lhe destine a dedicação de tempo e de recursos correspondente à sua importância.

A sistematização não pode continuar sendo um reclamo ou um quixotesco esforço isolado de alguma pessoa ou algumas pessoas dentro de nossos centros; deve estar articulada ao conjunto da estratégia institucional. Nesse sentido, identificamos ao menos três aspectos em que essa condição deve se expressar:

- *a busca de coerência para o trabalho de equipe*
- *a definição de um sistema integrado de funcionamento, e*
- *impulsionar um processo acumulativo dentro de nossas instituições.*

### **Busca de coerência para o trabalho de equipe**

Na medida em que em nossos centros tenhamos definido uma aposta estratégica, um perfil claro da contribuição específica que

queremos dar, teremos um marco institucional orientador de nosso trabalho. Sem dúvida, isso não é suficiente. É necessário ir alimentando a *aposta e a estrutura institucional* com uma efetiva *dinâmica de equipe*, que - em definitivo- será tão ou mais importante que o primeiro.

As instituições são formadas por instâncias e funções; as equipes, por fluxos de relações de trabalho entre pessoas. Às vezes não se dá atenção ao necessário equilíbrio que deve haver entre a estrutura institucional e a dinâmica da equipe, caindo-se no burocratismo e na formalidade, se o institucional é muito enfatizado, ou no ativismo desordenado, se se coloca atenção só na segunda.

Por isso, as instâncias de direção devem ter como uma de suas preocupações centrais a busca permanente da **coerência** no trabalho de equipe. Não basta a definição de funções e mecanismos: é preciso dar-lhes vida permanentemente, **a partir da dinâmica real de trabalho que se executa**, e não se restringir ao funcionamento estabelecido pela estrutura.

Assim, a sistematização que propomos, pode desempenhar um papel importantíssimo, justamente porque é a forma de "tomar pulso" no trabalho, de intercambiar e retro-alimentar as aprendizagens que os distintos projetos ou programas vão obtendo e, sobretudo, porque - na medida em que seja um exercício coletivo que envolva de alguma maneira o conjunto da equipe - permite ir encontrando as pistas, vazios, continuidades e discontinuidades no trajeto percorrido. Desse modo, é possível descobrir as incoerências de nossa prática, reorientar o rumo em busca de uma maior coerência como equipe e de uma maior articulação entre as distintas áreas de trabalho.

### **Definição de um sistema que articule o funcionamento institucional**

Como assinalamos desde a introdução desse livro, muitas instituições têm definidos seus períodos de planejamento e avaliação, sem dúvida são poucas as que determinam momentos para sistematizar

e, em muitas outras, as investigações têm um ritmo independente do funcionamento global da instituição. Em uma grande porcentagem de instituições estes diferentes campos não estão articulados entre si, não se complementam mutuamente, nem fazem parte de uma lógica institucional integral.

Por isso não é suficiente que se anote um tempo no calendário para cada tarefa. Nós acreditamos ser importante que se chegue a definir um sistema **integrado** de funcionamento, que permita articular, em função da estratégia institucional, estas quatro abordagens: **planejamento, avaliação, sistematização e investigação**.<sup>39</sup> Dessa forma será possível gerar todo um *fluxo de comunicação* dentro da instituição, alimentado pela experiência e pelas contribuições das diferentes áreas, que permita gerar uma permanente recriação do fazer institucional.

Por exemplo, os processos de sistematização poderiam vincular-se aos avanços das investigações, e permitir uma reflexão teórica coletiva que se nutra das experiências diretas de trabalho de educação e animação ao mesmo tempo que das contribuições investigativas. Os produtos dessas abordagens poderão servir de base ou marco para as avaliações e assim contribuir para um melhor planejamento, graças aos insumos que a própria prática institucional traz.

Isso que dizer que, dentro de um sistema integrado de funcionamento, a sistematização não só permitirá obter critérios para melhorar as experiências diretas que são sistematizadas, mas também que alimentaria a *tomada de decisões institucionais*.

No mesmo sentido não se veria mais a sistematização como um "privilegio de especialistas", mas sim como uma responsabilidade

---

<sup>39</sup>Ver mais adiante, entre os exemplos que mostramos no capítulo oito, a experiência, que nesse sentido, iniciamos, desde 1990 no CEP- Alforja de Costa Rica. Nossa amiga chilena Teresa Quiroz, do centro El Canelo, o denomina "sistema metodológico institucional". Esta idéia vincula-se, parcialmente, à interessante proposta das companheiras da *Oficina de Sistematização CEAL-Peru*, de poder contar com verdadeiros sistemas de informações nas instituições, como veremos no próximo capítulo.

coletiva, à qual se destina uma dedicação de tempo coerente com o que se espera que traga. Correspondentemente, fixar-se-ão suas metas, prazos, responsabilidades e recursos específicos, o que ajudará definitivamente para que a sistematização seja viável, acrescentando pressão, entusiasmo e expectativas coletivas ao que antes podia ser visto só como uma "teimosia" individual.

### **Impulsionar um processo acumulativo na instituição**

Uma política institucional com sentido estratégico, tem que buscar deixar saldos concretos e demonstráveis, nos distintos momentos de seu trajeto histórico. E' necessário ir fechando etapas para poder avançar a outras novas, que correspondam a novas respostas que as instituições devem dar ante os novos desafios que a realidade mutante lhes exige. Isto não é possível se não se impulsiona um projeto coletivo de acumulação da experiência institucional, que permita dar conta do caminho percorrido.

Lamentavelmente carecemos, muitas vezes, de mecanismos que nos permitam dar conta do acumulado, com o que se cai num círculo de repetições e "patinadas" sem sair do lugar. Dentro das opções que se podem buscar para dar resposta a esta problemática, definitivamente a sistematização se converte na principal, devido ao seu caráter de objetivador dos momentos do processo vivido e resgatador das aprendizagens realizadas.

Uma instituição e uma equipe podem viver um processo histórico muito extenso e interessante, mas isso não significa que se conseguiu *acumular* a experiência. E' preciso tomar a decisão de ir construindo um acúmulo histórico e ir explicitando-o ao longo do caminho, para que não se percam seus ensinamentos.

O impulso consciente e ativo de um processo de acumulação institucional, que priorize a sistematização como um de seus principais empenhos, permite ir construindo um *pensamento coletivo* que, ao mesmo tempo em que une a equipe, permite-lhe dialogar com outras equipes a partir de uma posição firmada na própria experiência. Ao mesmo tempo esse pensamento coletivo servirá de referência para

todos aqueles que queiram se incorporar posteriormente ao trabalho na instituição

A construção desse pensamento comum, supõe que as instâncias de direção incentivem com amplitude de critério o debate, a reflexão crítica e a discussão coletiva. Que entendam que, como parte de suas responsabilidades de direção, está o contribuir para a geração de conceitos sólidos na equipe, os quais só podem ser alcançados com debates em profundidade.

Em suma, os três aspetos assinalados (busca de coerência, um sistema integral de funcionamento e impulsionar um processo acumulativo) supõem colocar a sistematização no coração da vida institucional e convertê-la em dinamizadora da mesma, em contribuição substantiva para a construção de uma **identidade comum**. Se, efetivamente, conseguirmos assentar estas condições em nós mesmos e em nossas instituições, não só seria "viável" a sistematização como estamos propondo, como nossos esforços de educação, animação e organização popular se converteriam em uma formidável e apaixonante aventura de criação teórico-prática.



7º

**Como sistematizar?  
(uma proposta em  
cinco tempos)**



Chegando a este ponto, é necessário propor, da maneira mais precisa e concreta possível, um método de sistematização, uma proposta de como pensamos que se pode ou se deve sistematizar, que seja coerente com o já proposto nas páginas anteriores.

Sabemos que a indagação "como sistematizar?" é, na realidade, a pergunta que mais interessa e inquieta a educadores e animadores em toda a América Latina. Porém, consideramos que não tinha sentido começar a enfrentá-la sem antes passar por toda a reflexão dos capítulos anteriores. Sabemos muito bem que muitas pessoas só estão buscando uma espécie de "receita" que lhes indique, de uma vez por todas, "a" maneira de por em prática um processo de sistematização, os passos já pré-definidos que se tem que seguir sem tanta complicação...; mas não há, lamentavelmente, uma maneira de sistematizar, nem há uma sequência exata de passos e procedimentos que, uma vez desenvolvidos, dêem por resultado magicamente uma sistematização..., e nem a sistematização, como nós a pensamos e propomos, é tarefa fácil e sem complicação.<sup>40</sup>

Nesse ponto, queríamos nos atrever a compartilhar uma proposta metodológica surgida de nossa própria experiência e enriquecida com sugestões práticas e teóricas de várias amigas e amigos em todo o continente.<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> Isto não quer dizer que não esteja ao alcance de muitos. Pensamos que qualquer educador ou educadora popular, dirigente intermediário ou de base, animador ou animadora institucional, pode sistematizar suas experiências. O fato de que não ser simples, não quer dizer que seja propriedade de especialistas, ou que seja tão complicada que se tenha que dedicar-lhe toda uma vida (ou boa parte dela). Como disse Roberto Antillón: "*Não temos que viver para sistematizar e sim sistematizar para viver*".

<sup>41</sup> Particularmente minhas companheiras e companheiros da rede ALFORJA no México e na América Central, e do *Taller de Sistematización CEAAL-Peru*.

Quero assinalar, explicitamente, que esse trabalho não busca ser um "receituário", mas sim um instrumento utilizável, com algumas pautas indicativas. Se posto em prática possibilitará, sem dúvida, seu questionamento, modificação, enriquecimento e adaptação às condições particulares de cada um.

Trata-se de uma proposta em *cinco tempos*, que sugere um procedimento com uma ordem justificada, mas que não necessariamente deve seguir-se tal e qual, pois dependerá de muitos fatores que incidem na multiplicidade de experiências existentes. Esse instrumento deve ser utilizado mais como sugestão e inspiração, mesmo que por razões didáticas se apresente um pouco rígido. Por esse motivo esse capítulo tem um complemento indispensável: "Exemplos de sistematização", em que se oferece um leque muito variado de possibilidades, para servirem de referência ao definir o procedimento e os instrumentos próprios de cada sistematização.

Recordemos aquela formulação inicial<sup>42</sup> onde apresentávamos nossa concepção de sistematização e dizíamos:

"...é aquela interpretação crítica de uma ou várias experiências, que, a partir de seu ordenamento e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que intervieram no processo, como se relacionaram entre si e porque o fizeram desse modo".

Por isso, nossa proposta de método, coerente com esta conceitualização, considera cinco tempos que todo processo de sistematização deveria ter:

- A) O ponto de partida.**
- B) As perguntas iniciais.**
- C) Recuperação do processo vivido.**
- D) A reflexão de fundo.**
- E) Os pontos de chegada.**

---

<sup>42</sup> Ver capítulo dois: *O que é sistematizar*.

Cada tempo <sup>43</sup> tem alguns momentos ou elementos constitutivos. Vejamos primeiro de forma geral:

**A) O ponto de partida:**

- a1 Ter participado da experiência.
- a2 Ter o registro das experiências.

**B) As perguntas iniciais:**

- b1. Para que queremos ? (Definir o objetivo)
- b2. Que experiência(s) queremos sistematizar? (Delimitar o objeto a ser sistematizado)
- b3. Que aspectos centrais dessa experiência nos interessa sistematizar? (Definir um eixo de sistematização).

**C) Recuperação do processo vivido:**

- c1. Reconstruir a história.
- c2. Ordenar e classificar a informação.

**D) A reflexão de fundo: Por que aconteceu o que aconteceu?**

- d1. Analisar, sintetizar e interpretar criticamente o processo.

**E) Os pontos de chegada:**

- e1. Formular conclusões.
- e2. Comunicar a aprendizagem.

---

<sup>43</sup> Cada um dos tempos e momentos tem uma enorme quantidade de variantes em termos de conteúdo, alcances, níveis de profundidade, duração, instrumentos que foram utilizados e situados no conjunto do processo. Vamos precisar as características que consideramos fundamentais de cada um deles, com alguns exemplos e advertências, que, acreditamos, sejam úteis.

## A) O ponto de partida

Trata-se de **partir da própria prática**.<sup>44</sup> Este é o ponto de partida de todo o processo de sistematização. E isto quer dizer, fundamentalmente, que a sistematização é um "segundo momento"; não se pode sistematizar algo que não foi posto em prática previamente.<sup>45</sup>

Ora, isto nos propõe as características básicas que devemos definir desde o começo: quem sistematiza e de que informação se parte. Vejamos:

### a1. Ter participado da experiência.

Afirmamos que só podem sistematizar uma experiência *aqueles que tenham tomado parte dela* e que **não é possível que uma pessoa totalmente alheia à experiência pretenda sistematizá-la.**

---

<sup>44</sup> Aqui nos diferenciamos claramente das propostas que propõe como ponto de partida: "definir o marco teórico", seguindo um esquema tradicional da investigação social clássica. É comum que encontrar esse marco reduzido a um conjunto de citações de diversos autores, referências bibliográficas e uma lista de palavras com suas respectivas acepções tal como aparecem em algum dicionário. Bem, isso não significa que consideramos o problema da aproximação teórico-conceitual; para nós é fundamental (já mencionamos no capítulo III que a sistematização é um exercício claramente teórico). Por isso mesmo, assumimos o papel da teoria de outro modo. No tópico seguinte, referido às perguntas iniciais, aprofundamos mais esse tema, quando nos referimos ao "complexo ou aproximação teórica". Basta, por agora, precisar que quando dizemos "partir da prática" estamos entendendo que temos que partir do que fazemos, sentimos e também, do que pensamos.

<sup>45</sup> Isto não significa, como logo veremos, que para sistematizar tenha que se "esperar pela conclusão da experiência; primeiro, porque o conceito de "concluir uma experiência" é muito relativo: pode ser que o projeto da instituição termine mas que a experiência desenvolvida tenha continuidade de outra forma; segundo, porque, a partir de nossa concepção, a sistematização deve ser feita para ir alimentando a prática, não para dar conta definitiva dela. Existem muitas maneiras de sistematizar experiências ao longo de seu processo.

Isto *não* significa que todos que participem da sistematização de um processo devam *tê-lo vivido diretamente do mesmo modo*.

***Por exemplo:***

Uma instituição pode se propor sistematizar uma experiência específica, levada a cabo só por uma parte da equipe, mas invocando a toda a equipe ao processo de reflexão. Certamente, a contribuição de uns e outros será diferente, mas todos sistematizarão como parte de sua *experiência institucional comum*.

Uma organização popular pode se propor sistematizar a experiência de sua organização desde sua origem, ainda que os que o fazem não tenham estado diretamente presentes no primeiro momento. Possivelmente, será indicado que incorporem aqueles que viveram essa época, porém os mais novos poderão sistematizar o conjunto do processo, já que *a história passada faz parte de sua experiência atual*.

Um centro de educação popular pode participar ativamente na sistematização de alguma experiência de outro centro com o qual ele tenha uma relação estreita, seja porque realiza experiências semelhantes, ou porque tenha participado em algum aspecto da experiência a sistematizar, ou porque a experiência de ambos tem como objetivo apoiar os mesmos processos, etc.

O que não cabe dentro de nossa concepção e proposta, é o(a) sistematizador(a) externo(a), que a instituição ou organização (que "não tem tempo ou possibilidades de sistematizar") contrata para fazer a sistematização *em nome* dela.

Pelo contrário, pode ser importante ter uma ou mais pessoas como **apoio externo** para realizar a sistematização. Este apoio pode ser de muitas maneiras, dependendo das necessidades e possibilidades de quem sistematiza.

***Por exemplo:***

Uma organização popular pode pedir ajuda a uma equipe de uma instituição, para que a apoie *no projeto e na condução metodológica* da sistematização, ou para que a apoie *na busca e no ordenamento da informação*, ou para que proporcione *subsídios* de reflexão sobre algum tema que alimente a interpretação da organização.

Uma instituição pode pedir ajuda a pessoas com experiência em determinado tema, para que *opinem criticamente* sobre o que o grupo de sistematização está refletindo ou sobre suas conclusões, ou para elaborarem um *produto de comunicação* (um folheto, um vídeo, um programa de rádio) com os elementos que forem saindo do processo ou com as conclusões finais...

Em síntese, é necessário primeiro ter participado, de alguma maneira, de uma experiência, para começar a sistematizá-la.

**a2. Ter o registro das experiências**

Qualquer experiência que se pense sistematizar é um processo que transcorreu no tempo. Ao longo de seu trajeto aconteceram muitas e diferentes coisas.

***Por exemplo:***

- O ideal é que se tenha previamente um diagnóstico ou um "perfil de entrada", que se conte com uma aposta estratégica na qual se inscreva mais globalmente cada experiência; que se tenha situado a fundamentação do que se pretendia fazer; que, no momento certo, se tenham planejado os objetivos, metas, atividades, responsabilidades, resultados esperados; que se tenha feito uma

projeção do trajeto a percorrer e suas etapas. Certamente, ao longo do processo foram realizadas muitas ações que por sua vez produziram diversos resultados: seminários, visitas a casas, entrevistas, oficinas, cursos, produção de materiais, campanhas; e, paralelamente a elas, a equipe da instituição ou da organização deve ter tido reuniões, assembléias, jornadas, avaliações, etc.

O importante para a sistematização da experiência é contar com o **registro** de tudo isso, que tenha sido feito o mais perto possível do momento no qual ocorreu cada fato. Não é possível fazer uma boa sistematização se não se contar com uma informação clara e precisa do acontecido. Este é um requisito fundamental; diríamos quase indispensável...

Ora, quando falamos de "registros", estamos falando de uma enorme variedade de formas possíveis às quais se pode recolher a informação do que acontece numa experiência.

***Por exemplo:***

Os cadernos de apontamentos pessoais, "diários de campo", documentos que contém propostas, rascunhos, projetos de atividades, informes, atas de reunião, memórias de seminários ou oficinas.<sup>46</sup>

Não temos que pensar só em registros escritos: há outras formas documentais que são tão ou mais importantes, de acordo com o caso: gravações, fotografias, filme em cinema ou vídeo; gráficos, mapas, quadros sinóticos, desenhos...

Os registros nos permitem ir à fonte dos diferentes momentos que ocorreram ao longo da experiência, com o que será possível reconstruir esse momento **tal como foi**.<sup>47</sup>

---

<sup>46</sup> Para muita gente, a simples memória de um evento é a sistematização. Para nós, salvo exceções, constitui um bom registro, que certamente será útil na sistematização da experiência a que esse evento pertence.

Esses tipos de registro que assinalamos, são agora bastante comuns nas instituições e organizações populares, o que facilitará para que muita gente possa recorrer a eles quando quiser sistematizar. Sem dúvida, não são a fonte mais adequada, confiável e ordenada. Por isso parece-nos importante recomendar que não nos limitemos a eles, mas que busquemos outras formas mais estruturadas de registrar a informação, de tal forma que possamos logo ter uma visão melhor do desenvolvimento real dos processos.

Recentemente, as companheiras da *Oficina de sistematização CEAAL-Peru* fizeram um interessante avanço a respeito, constatando que ( nos projetos de promoção):

"...a informação sobre o desenvolvimento do processo costuma ser escassa e de má qualidade, o que termina sendo um obstáculo para qualquer atividade que deseje conhecer o ocorrido com um mínimo de rigor".

Isto as leva a propor uma alternativa integral: projetar um instrumento unificador que centralize e distribua na instituição, a informação que se produz.

---

<sup>47</sup> E não como nos lembramos que foi (ou que no fundo gostaríamos que tivesse sido) . E' muito comum que alguém faça uma espécie de "fusão" na memória, dos diversos momentos de uma experiência, influenciada pelo que ,subjetivamente mais lhe marcou em cada momento, e que não saibamos distinguir as diferenças entre um momento e outro, ou não saibamos quando se deu uma mudança no processo da experiência. Lembro-me de uma história: lá por 1972, trabalhando no CIPCA, num projeto de alfabetização de trabalhadores rurais no Peru, fazíamos um registro diário das palavras e comentários dos alfabetizados ante cada cartaz e palavra geradora, assim como de nossa observações, ao final de onze meses , tivemos uma reunião com todos os alfabetizadores para reler nossos diários de campo e resgatar o que fora realizado. Foi enorme minha surpresa quando descobri que havia muitas coisas que aprendi só nesses onze meses, pois as tinha anotadas como "descobertas". Certamente, se alguém me pergunta-se sobre elas no dia anterior , teria dito, plenamente convencido, que quando começamos a experiência eu já pensava assim. Minha memória não me permitia localizar quando, como, e nem a partir do que fui mudando de forma de pensar. Lendo os cadernos pude encontrar esses momentos e fatos significativos... Acho que foi a primeira vez que aprendi a reconhecer a importância dos registros e, quem sabe, a primeira vez que intuí o quão interessante poderia ser sistematizar.

"Na medida em que o acompanhamento, a avaliação e a sistematização são atividades tão próximas e que cumprem uma finalidade similar, a informação que requerem também se parece. Isso (além da necessidade de não encarregar de novas tarefas aos animadores) nos leva a propor a necessidade de que se planejem **sistemas de informação** unificados, que dêem subsídios às três atividades (pelo menos).

Isto representa um esforço importante (que corresponde aos responsáveis da planificação institucional), já que o sistema deve ser suficientemente completo, mas por sua vez simples e fácil de alimentar, e estar a disposição de todos os que queiram a informação (incluindo a equipe de animação)".<sup>48</sup>

Por último, gostaríamos de encerrar esse ponto fazendo referência aos **quadros de registro** que são um dos instrumentos mais difundidos por algumas propostas de sistematização.<sup>49</sup> Nesse aspecto, minha opinião é que, francamente, a criatividade deve ser infinita: cada pessoa, equipe ou instituição dever criar seus próprios quadros, com os aspectos que lhe interessam ir recolhendo no caminho. E dever estabelecer suas próprias normas para preenchê-los: sua frequência, uso, difusão, etc.

***Por exemplo:***

Pode-se ter um quadro que cada pessoa preencha diariamente de forma individual, deixando registro de seu trabalho do dia. (Ver formulário #1 em anexo)

---

<sup>48</sup> Apresentação de Mariluz Morgan, em nome da Oficina, na Reunião de intercâmbio sobre sistematização, Lima, 9 de Julho de 1993, assistida por representantes de várias instituições peruanas que trabalham o tema.

<sup>49</sup> E que, em alguns casos, contribuiu para uma visão na qual a sistematização consiste em "classificar e preencher quadros" e não a ver essa etapa só como uma fase instrumental inicial.

Pode-se acrescentar um quadro de registro semanal, para ser preenchido por cada equipe ou seu responsável (também pode ser suficiente só com esse). (Ver formulário #2 em anexo)

Também poderia ser bom ter um roteiro ou quadro, que se responda ao final de cada atividade (reunião, seminário, oficina, assembléia, etc.) (Ver formulário #3 em anexo)

Em qualquer caso, tratar de fazer com que o *instrumento* seja o menos enrolado e o mais útil possível em relação ao que se queira.<sup>50</sup>

### **B) As perguntas iniciais:**

Neste "segundo tempo", trata-se de iniciar propriamente a sistematização, tendo como base o ponto de partida indicado nas páginas anteriores, com três recomendações essenciais que nos levarão a orientar todo o processo a partir desse momento:

- b1. A **definição** do objetivo da sistematização,
- b2. A **delimitação** do objeto da sistematizar e
- b3. A **definição** do eixo de sistematização.

Colocamos estes três aspectos nessa ordem, mas a seqüência não tem que ser sempre esta, já que dependendo de muitos fatores, algum pode já estar indicado de antemão, ou pode ser preferível começar por delimitar o objeto ou a definição de um eixo.

---

<sup>50</sup> Uma equipe deveria, de quando em quando, revisar seus instrumentos de registro e ver se lhe dão alguma utilidade. Se alguma pessoa, depois de um ano, descobre que esteve levando a cada dia ou semana um quadro que nunca alguém levou em conta para nada (nem ela mesma), quer dizer que não lhe serve o instrumento ou que tem que definir como aproveitar essa informação.

O que pensamos ser **indispensável** é que, antes de seguir adiante, se tenha respondido claramente às três perguntas. Vejamos uma por uma:

**b1. Para que queremos sistematizar?**  
(Definir o objetivo dessa sistematização)

Aqui se trata de definir, da maneira mais clara e concreta possível, o **sentido**, a **utilidade**, o **produto** e o **resultado** esperado da sistematização. Isto dependerá do momento em que esteja a equipe, suas preocupações mais globais, seu ritmo de trabalho, a conjuntura, etc.

Pode ser útil retomar nesse momento o assinalado no capítulo III: "Para que serve sistematizar" <sup>51</sup> e indicar, entre uma grande gama de possibilidades, os objetivos que se quer **dessa** sistematização em particular.

*Por exemplo:*

1. Um centro de educação popular que faz trabalho comunitário, frente às mudanças da situação de seu país, reconhece a importância de recriar seus programas de ação. Decide fazer um a sistematização com o objetivo de **construir - a partir da experiência institucional - uma proposta de trabalho comunitário que responda aos novos desafios da situação nacional.**
2. Uma organização de mulheres de bairros populares, que está passando por uma etapa de renovação organizativa, reconhece a importância de formar novas dirigentes. Para isso, elabora um plano

---

<sup>51</sup> Tomando como referência três grandes parâmetros: "Para compreender e melhorar nossa própria prática", para "extrair seus ensinamentos e compartilhá-los" ou "para que sirva e base à teorização e a generalização".

de sistematização com o objetivo de **orientar a formação de uma nova geração de dirigentes, com base no resgate da experiência acumulada pelas dirigentes históricas.**

3. Uma rede de várias instituições, que em diferentes países trabalha o tema de formação pra a participação cidadã , identifica a necessidade de ter maior consistência em sua proposta teórica sobre democracia e direitos dos cidadãos. Então, decide fazer um processo de sistematização, com o objetivo de **obter das diversas experiências particulares, elementos para enriquecer suas propostas conceituais.**

**b2. Que experiências queremos sistematizar?**

*(Delimitar o objeto a sistematizar)*

Trata-se, aqui, de escolher **a ou as experiências concretas** a serem sistematizadas, claramente delimitadas em **tempo e lugar**.

Os critérios para escolhê-las e delimitá-las, podem ser muito variados: depender do objetivo, da consistência das experiências, dos participantes no processo de sistematização, o tipo de contexto em que se deram, etc.

***Por exemplo:***

1. O centro de educação que no exemplo anterior definiu o objetivo de construir uma nova proposta de trabalho comunitário, poderia delimitar seu objeto às **"experiências de trabalho de saúde comunitária que realizamos no bairro urbano "A União" e com as comunidades camponesas de Palmar e São Jerônimo durante 1992 e 1993.** ( Os primeiros ano do novo governo que

impulsiona uma política neoliberal, mudando assim sua relação paternalistas com a comunidades)".

2. A organização de mulheres que queria formar novas dirigentes a partir da experiência de suas dirigentes históricas, poderia delimitar seu objeto assim: "**A experiência de nascimento e formação de nossa organização, desde 8 de março de 1985** (quando surgiu o núcleo inicial), **até 20 de dezembro de 1990** (ano em que se realiza o primeiro congresso estadual)".
3. A rede de instituições que tem como objetivo enriquecer suas propostas teóricas, poderia delimitar seu objeto dessa maneira: "**As experiências de trabalho de formação para a participação cidadã realizadas no período anterior e posterior às eleições gerais** na Costa Rica (junho de 93 a junho de 94), Peru (agosto de 1989 a outubro de 1990), Venezuela (setembro de 1992 a dezembro de 1993) e México (janeiro de 1994 a março de 1995).

Como se pode ver nesses exemplos, a delimitação do objeto pode ser muito variável. O importante é que fique claramente especificado qual ou quais experiências vão ser sistematizadas, em qual lugar e período elas aconteceram.

**b3. Quais aspectos centrais dessas experiências nos interessa sistematizar?**

*(Definir um eixo de sistematização)*

Responder a essa pergunta não é simples e a noção de "eixo de sistematização" é complexa. Sem dúvida, consideramos que é uma pergunta essencial para poder levar até o fim um processo de sistematização coerente com a concepção que propomos.

As experiências são em si tão ricas em elementos, que mesmo tendo um objetivo claramente definido e um objeto perfeitamente delimitado em lugar e tempo, ainda pode ser necessário *precisar mais o enfoque* da sistematização, para não se dispersar. Esse é o papel do **eixo de sistematização**.

Um eixo de sistematização é como um *fio condutor* que atravessa a experiência e se refere aos *aspectos centrais* dessa(s) experiência(s) que nos interessa sistematizar nesse momento.

Um eixo de sistematização é como uma *coluna vertebral* que nos comunica com toda a experiência, mas de um ótica específica.

***Por exemplo:***

1. O centro de educação popular que quer renovar sua proposta de trabalho comunitário e vai sistematizar experiências de trabalho em saúde, poderia definir o seguinte eixo de sistematização: **"trabalho em saúde e níveis de autonomia e de capacidade propositiva por parte dos moradores das comunidades"**.
2. A organização de mulheres que quer resgatar a experiência das dirigentes históricas e vai sistematizar a experiência de nascimento e formação da organização, bem poderia ter o eixo de **"fatores que nos primeiros anos de nossa organização, permitiram a essas companheiras formarem-se como dirigentes e como se desenvolveu o vínculo direção-base."**
3. A rede que se interessa por enriquecer suas propostas teóricas e vai sistematizar experiências de formação para a cidadania, pré e pós eleições em quatro países, poderia definir o seguinte eixo de sistematização: **"contribuição da formação para o exercício da cidadania nos espaços cotidianos e nos momentos de campanha eleitoral: características, variantes e relações"**.

Como se pode ver nos diferentes exemplos, o eixo de sistematização pode ser formulado de formas distintas. É uma mesma

experiência pode ser sistematizada a partir de vários eixos, de acordo com o que mais se necessite ou interesse. (E' o caso do centro de educação popular do exemplo 1, que poderia também sistematizar a mesma experiência, com o eixo: "trabalho em saúde e participação das mulheres", ou com esse outro: "O papel que os promotores de saúde desempenharam ao longo do processo, etc.")

A formulação do eixo deve ser coerente com o objetivo e com o objeto, e responder de maneira mais específica a eles. Isso tem sobretudo um sentido prático; deve ser um facilitador do processo, que evite se perder em elementos da experiência que não são tão relevantes para **essa** sistematização que se quer realizar.<sup>52</sup>

### **O contexto "teórico"**

Chegando a esse ponto, poderíamos nos perguntar: Com quais critérios formulamos as perguntas? Aqui vale a pena, então, afirmar que nós não estamos propondo uma sistematização sem uma indicação teórica de referência. Estamos convencidos de que nós, que trabalhamos em educação, animação ou organização popular, temos determinadas referências teóricas com as quais trabalhamos, independente do nível de explicitação, rigor ou fundamentação com que nos referimos a elas. Toda intencionalidade supõe pressupostos teóricos e filosóficos.<sup>53</sup> Por isso, em qualquer processo de

---

<sup>52</sup> Uma vez respondidas as "perguntas iniciais" tem-se que esboçar o procedimento a seguir: técnicas a utilizar, participantes, prazos e atividades específicas a serem realizadas adiante. Como isto é muito óbvio, não vamos colocar como um "momento", limitando-nos a assinalar e exemplificar os elementos mais globais da proposta.

<sup>53</sup> Nesse sentido, Gramsci sustentou que todas as pessoas são filósofas, têm uma concepção de mundo, da vida, de si mesmos e de seu fazer. Esta filosofia está presente no senso comum. Logo, quando estamos fazendo referência a uma intencionalidade institucional ou de uma organização, estamos fazendo referência a outros dois aspectos: a) à fundamentação explícita que esta instância tenha de suas opções e b) à influência do contexto em que se vive. Não existe uma intencionalidade coletiva (nem individual) que não seja impactada pelas correntes da época. Nesse sentido, trabalhamos com as virtudes e os limites das concepções teóricas de nosso tempo.

sistematização devemos estar conscientes que temos uma referência teórica que nos sustenta.<sup>54</sup>

Estas afirmações não querem dizer que estamos pensando no tradicional e rígido "marco teórico", já criticado em páginas anteriores.<sup>55</sup> Por isso preferimos falar de "contexto" teórico, para sublinhar o sentido dinâmico e situador dessa referência fundamental. Mais ou menos explícito, é o contexto teórico que - em última instância - nos fará formular determinados objetos a serem sistematizados e priorizar determinados aspectos ao longo do processo. Inclusive, a partir da própria elaboração de uma proposta para sistematizar, já existe uma fundamentação, uma justificação que argumente seu sentido.

O que propomos, em síntese, se condensa nestas três afirmações:

Todo trabalho educativo, de animação e organizativo fundamenta-se num contexto teórico (mais ou menos explícito, mais ou menos coerente, mais ou menos sistemático).

Esse contexto de referência é decisivo para a formulação das perguntas iniciais que a sistematização fará à prática.

Esse contexto dever ser explicitado, para confrontá-lo, enriquecê-lo e transformá-lo graças às contribuições da sistematização e de outros processos teóricos.

---

<sup>54</sup> Este aspecto particular é o que faz com o que as propostas de sistematização de Martinic, de Teresa Quiróz, Diego Palma, retomadas pela Oficina do CEAAL-Perú e outros, considerem a importância de explicitar nesse "tempo" a hipótese de ação, quer dizer a "aposta" que sustenta a intencionalidade da experiência. ( ver: texto citado: *E como se faz...?*). Penso que em muitos processos de sistematização poderá, certamente, ser muito útil, em particular naqueles que se realizam a partir de instituições de animação e educação popular ou quando se vai sistematizar pela primeira vez.

<sup>55</sup> [Ver nota 45]

### C) Recuperação do processo vivido

Nesse terceiro "tempo" entramos de cheio na sistematização, mas enfatizando os aspectos descritivos acerca da experiência. Por isso, os dois "momentos" que queremos colocar aqui são:

- c1. **Reconstruir** a história.
- c2. **Ordenar e classificar** a informação.

O nível de detalhe, os procedimentos que se vão utilizar e o tempo que se lhe dedique, podem ser muito variados, dependendo, sobretudo, da duração ou complexidade da experiência que se está sistematizando (o objeto), ou também do nível de definição com que está planejando o eixo.

#### **c1. Reconstruir a história**

Trata-se aqui de ter uma visão global dos procedimentos que se sucederam no lapso da experiência, normalmente postos de maneira cronológica. Para isso será quase indispensável consultar os registros, que mencionamos nas páginas anteriores.

Pode ser útil elaborar uma cronologia. Também, fazer um gráfico para que visualmente se possa seguir a seqüência dos fatos. Também pode ser interessante reconstruir a história em forma de conto ou narração.

Dado que os "fatos" e "acontecimentos" aos quais fazemos referência foram vividos - certamente de forma intensa - por seus protagonistas, será importante (esse dever ser um momento

descritivo) fazer constar as diferentes interpretações que se apresentem na reconstrução histórica.

Em muitas situações, será fundamental incorporar na reconstrução da experiência particular, os acontecimentos do contexto (local, nacional ou internacional) que se associam a ela. Inclusive, mostrou-se a utilidade de fazer uma cronologia paralela: numa coluna os acontecimentos da experiência; em outra os do contexto. Fazê-lo ou não e o nível de detalhe que terá, vai depender da utilidade de cada sistematização.

*Por exemplo:*

1. O centro de educação popular que vai sistematizar experiências de trabalho em saúde, seguramente **reconstruirá com critérios semelhantes o realizado nas experiências urbanas e camponesas; além disso, dará particular atenção às mudanças realizadas por políticas oficiais ao longo desses dois anos, particularmente no que diz respeito ao âmbito comunitário.**
2. A organização de mulheres poderá utilizar **entrevistas individuais ou coletivas de suas dirigentes e certamente, terá que ir, na reconstrução histórica individual, a muito antes de 1985, para identificar como e com que motivações aparecem essas mulheres participando já desde o início da organização.** Dado que o período a considerar é grande, certamente não será preciso fazer uma cronologia detalhada do contexto, ainda que pareça indispensável saber o que ocorria no país durante os momentos fortes ou significativos da trajetória organizativa.
3. A rede de instituições que sistematizam as experiências de formação para a cidadania, pelo contrário, teria que **reconstruir com muito mais detalhe - conjuntamente com as atividades formativas - as características dos quatro contextos nacionais nos períodos assinalados,** já que serão decisivas para situar o

papel e a contribuição da formação para a cidadania em cada um deles.

Quer dizer, a forma e os aspectos que se consideram na reconstrução histórica dependerão do tipo de sistematização que se está realizando. O mais importante é que permita uma visão geral do processo. Se se realiza com cuidado, significará uma experiência muito interessante e sugestiva.<sup>56</sup>

De certo nesse momento surgirá de forma natural uma **primeira periodização**; quer dizer, um primeiro assinalamento das *etapas* que se sucederam ao longo da experiência, marcadas pelo reconhecimento de alguns *acontecimentos significativos*. Isto proporcionará pistas e interrogações para a posterior interpretação crítica da(s) experiência(s).<sup>57</sup>

## c2. Ordenar e classificar a informação

Baseando -se nessa visão geral do processo vivido, trata-se, agora, de avançar até a **localização dos diferentes elementos** desse processo. Aqui é onde a definição do eixo de sistematização nos vai ser de suma utilidade, pois nos dará a pauta de quais componentes levar em conta.

Um instrumento sumamente útil para essa tarefa é um *roteiro de ordenação*: um quadro ou uma lista de perguntas, que permitirá articular a informação sobre a experiência em torno dos aspectos

---

<sup>56</sup> Algumas propostas metodológicas de sistematização consideram que a reconstrução histórica deveria ser o primeiro passo, para que - a partir dela - se definam os objetivos e o objeto de sistematização. Penso que é provável que seja útil em alguns casos, sobretudo se não se tem clareza de que e para que sistematizar, mas, em geral, se não há objetivo definido, nem objeto delimitado, corre-se o risco de fazer uma reconstrução histórica excessivamente extensa e sem orientação.

<sup>57</sup> É importante ressaltar que esse momento possibilita levantar perguntas e dar pistas para o trabalho posterior. Será preciso precisá-las e documentá-las sem cair na tentação de respondê-las de uma vez com as primeiras reflexões que nos venham a mente.

básicos que nos interessam. (Como no momento anterior, os registros serão fundamentais).

*Por exemplo:*

1. O centro de educação de nosso primeiro exemplo, que tem como eixo a relação entre o trabalho de saúde e as autonomia e capacidade propositiva das comunidades, poderia ordenar e classificar ( para cada etapa de reconstrução histórica):
  - **Objetivos previstos pelo centro.**
  - **Necessidades apontadas pela comunidade.**
  - **Enganos e dificuldades.**
  - **Ações geradas pelos programas de saúde.**
  - **Vinculação comunidade - instâncias de governo.**
  - **Percepções da comunidade acerca de sua capacidade de ação e de fazer propostas.**
  - **etc.**
  
2. A organização de mulheres, que tem como eixo de sistematização os fatores que lhes permitiram formar-se como dirigentes e sua vinculação com a base, poderia ordenar e classificar (para cada etapa):
  - **Motivações para sua participação.**
  - **Principais ações que realizaram.**
  - **Dúvidas e dificuldades que enfrentaram.**
  - **Aspectos que lhes ajudou a continuar.**
  - **Objetivos a que se propuseram.**
  - **Concepção de dirigente e organização que tinham.**
  - **Formas de relação com a base.**
  - **Opiniões da base sobre seu papel, etc...**
  
3. A rede de instituições que tem como eixo a contribuição da formação para a participação cidadã pré e pós eleições, seguramente ordenaria e classificaria em dois quadros paralelos (antes e depois das eleições) elementos como estes:
  - **Objetivos formativos.**

- **Ações realizadas e com quem.**
- **Conteúdos trabalhados e o porquê.**
- **Enganos.**
- **Dificuldades.**
- **Formas de participação existentes.**
- **Novas formas de participação geral.**
- **Opiniões sobre a campanha eleitoral.**
- **Concepções que se tem sobre Estado, Democracia, partidos políticos, organizações sociais, etc., etc.**

Em síntese o ordenamento e a classificação da informação deve permitir reconstruir, de forma precisa, os diferentes aspectos da experiência, vista já como um processo. Como se vê nos exemplos deve-se levar em conta, de acordo com o eixo de sistematização, tanto as *ações* como os *resultados*, assim como as *intenções* e *opiniões*. Na maioria dos casos, tanto de quem promove a experiência como de quem participa dela. Estes dois momentos, que apareceram aqui separados, também poderiam fazer parte de um só exercício: recuperar historicamente, de forma agregada, os diferentes componentes do processo vivido.<sup>58</sup>

**D) A reflexão de fundo:  
por que aconteceu o que aconteceu?**

Chegam

os aqui ao "tempo" chave do processo de sistematização: a interpretação crítica do processo vivido. Todos os outros momentos estão em função deste.

Trata-se, agora, de ir mais além que o descritivo, de realizar um processo ordenado de abstração, para encontrar a razão de ser do

---

<sup>58</sup>Uma proposta interessante foi realizada pelas companheiras da *Oficina de Sistematização CEAAL - Peru*, que propõem um quadro de recuperação do processo e seus componentes gerais, que considera os seguintes aspectos: data; ações; objetivos, metodologia; enganos, dificuldades; contexto; observações. Ver: "*E como se faz?*" proposta de método de sistematização.

que aconteceu no processo da experiência. Por isso, a pergunta chave desse "tempo" é: **Porque aconteceu o que aconteceu?**

#### **d1. Análise, síntese e interpretação crítica do processo.**

Para realizar essa reflexão de fundo será necessário penetrar por partes na experiência, quer dizer, fazer um exercício **analítico**; localizar as **tensões ou contradições** que marcaram o processo; e, com esses elementos, voltar a ver o conjunto do processo, quer dizer, realizar uma **síntese** que permita elaborar uma conceitualização a partir da prática sistematizada.<sup>59</sup>

Este "momento" (com seus componentes de análise, localização de tensões e síntese) tem uma duração indeterminada, dependendo do objeto e do objetivo da sistematização (poderia durar todo um dia, até servir de tema para uma série de sessões ou oficinas ao longo de um ano inteiro).

Um dos principais instrumentos que se podem utilizar aqui é um **roteiro de perguntas críticas** que interroguem o processo da experiência e permitam identificar os fatores essenciais que intervieram durante o processo e explicitar a lógica e o sentido da experiência.

#### ***Por exemplo:***

1. O centro de educação popular que sistematiza as experiências de trabalho em saúde comunitária, poderia propor-se perguntas como estas:
  - **Houve mudanças nos objetivos? Por que?**
  - **As necessidades se mantêm iguais? No que mudaram?**

---

<sup>59</sup> Ver, a respeito, o assinalado no capítulo V.

- Qual é a relação entre objetivos e necessidades das distintas etapas, comparando as comunidades camponesas com as urbanas?
- Que mudanças ocorreram na relação comunidade e governo? Que tensões e contradições apareceram? A que se devem? Mantêm-se?
- Que ações demonstram que se ganhou em autonomia ou em capacidade propositiva?
- Que fatores ( de nosso trabalho e externo a ele) incidiram em maior autonomia ou capacidade propositiva? Quais incidiram negativamente? Superaram-se? Por que?
- A partir do que foi visto, como conceituaríamos: "autonomia", "capacidade propositiva", "trabalho de saúde comunitária, "política social" e que relações têm esses conceitos com as orientações neoliberais? Como entendemos o neoliberalismo? O que isso implica para o trabalho comunitário?

2. A organização de mulheres que sistematiza a experiência de conformação da organização para ver os fatores que incidiram na formação das dirigentes, poderia se perguntar:

- Que tipo de motivações foram as mais comuns para a maioria das dirigentes no início? Elas mudaram? Por que?
- Quais as mudanças que se observam entre os objetivos propostos nas diferentes etapas?
- Quais foram as principais contradições que enfrentaram no processo tanto a nível pessoal, entre elas e suas famílias; entre elas e sua base; entre elas como dirigentes; entre a organização e os centros de apoio? Como as enfrentaram? Quais se mantêm?
- Como evoluíram suas concepções? A partir de que?
- Levando em conta todo o processo, quais aspectos aparecem como essenciais em sua formação como dirigentes?

3. A rede de instituições que sistematiza quatro experiências de formação para a cidadania, para recriar suas propostas teóricas, faria perguntas semelhantes a estas:

**- Que objetivos, ações, conteúdos e resultados são comuns às quatro experiências? Quais são particularmente diferentes? Por que?**

**- Em que medida a campanha eleitoral incidiu sobre as formas de participação cidadã? Em que medida incidiram nos programas de formação?**

**- Quais foram em cada país as principais tensões que enfrentaram os programas de formação? Quais tensões foram coincidentes? Que mudanças houve nelas? Como se enfrentaram?**

**- Levando em conta os resultados dos programas de formação para a cidadania, que demandas surgem para os nossos sistemas democráticos? Que direitos do cidadão aparecem como os mais relevantes? Que contribuições aparecem em relação ao conceito de participação cidadã? Que desafios se propõem aos conceitos de "democracia representativa", "democracia participativa", "cidadania", relação entre "sociedade civil e Estado", "poder local"?**

Estas perguntas, apenas exemplificadoras, mostram-nos a diversidade possível de enfoques interpretativos que se poderiam ter em uma sistematização de experiências, assim como as diversas modalidades de realizar análise, identificação de contradições e síntese.

### **E) Os Pontos de chegada.**

Chegamos assim ao último tempo desta proposta metodológica que é uma nova forma de chegar ao ponto de partida, enriquecido com a ordenação, reconstrução e interpretação crítica da(s) experiência(s) sistematizada(s).

Ainda que possa parecer que formular conclusões e transmitir a aprendizagem é uma tarefa fácil e que seria quase uma consequência natural do que se realizou anteriormente, não é assim. Tem uma importância enorme dedicar tempo e energia a esta tarefa, porque disso dependerá o real cumprimento dos objetivos de fundo do exercício sistematizador.

### **e1. Formular conclusões**

Toda a reflexão interpretativa do momento anterior deverá dar como resultado a formulação - a mais clara possível - de conclusões tanto teóricas como práticas.

Trata-se de expressar as principais respostas às perguntas formuladas no guia de interpretação crítica, tomando como referência principal o **eixo de sistematização** formulado. Assim, as conclusões deverão ser dirigidas a dar respostas aos **objetivos** propostos no início da sistematização.

Por isso, as conclusões teóricas poderão ser formulações conceituais surgidas diretamente do refletido a partir da experiência. Estas formulações deverão relacionar-se com as formulações teóricas cunhadas pelo saber constituído, estabelecendo um diálogo de mútuo enriquecimento. Também permitirão formular hipóteses que apontem, a partir da experiência, a uma possível generalização de maiores alcances teóricos.

As conclusões práticas serão, por sua vez, aqueles ensinamentos que se desprendem da(s) experiência(s), que deverão ser levados em consideração para melhorar ou enriquecer as futuras práticas, tanto próprias como alheias.

***Por exemplo:***

1. O centro de educação popular teria que formular conclusões teóricas em torno do fortalecimento da autonomia, da capacidade propositiva e da incidência nas políticas sociais no contexto neoliberal. Assim, deverá formular uma proposta para o trabalho comunitário no novo contexto nacional, buscando generalizar os aspectos mais positivos de sua experiência e advertindo sobre os negativos.
2. A organização de mulheres teria que formular conclusões práticas expressas num plano de formação de novas dirigentes, que considere o aprendido com o resgate da experiência inicial. Assim deveria formular algumas conclusões teóricas sobre a relação entre dirigentes e base, sobre os fatores que incidem na formação de uma dirigente, sobre as características organizativas das mulheres, etc.
3. A rede de instituições não só deverá formular uma série de propostas em torno da construção da democracia, dos direitos do cidadão e da participação da cidadania, como também terá que repensar seus programas de formação nas circunstâncias atuais e, inclusive, pensar em articular mais entre si os diferentes programas em diferentes países, para continuar retroalimentando-se mutua-mente.

## **e2. Comunicar a aprendizagem**

Por último será necessário produzir algum ou alguns materiais que permitam compartilhar com outras pessoas o aprendido. Vale a pena dedicar um tempo importante a isso pois, de outra maneira, a riqueza do processo limitar-se-ia ao grupo participante, o que seria irresponsabilidade, para dizer pouco.

Aqui, fazemos referência outra vez ao que dissemos no capítulo 3º: que a dimensão comunicativa da sistematização é um aspecto substancial e não secundário nem optativo. Insistimos, também, em que produzir esse material permitirá realizar uma nova

"objetivação" do vivido, que nos enriquecerá ainda mais o processo de pensar e transformar nossa própria prática.

Certamente, uma forma indispensável será a redação de um documento. Sem dúvida, deveríamos considerar que talvez o melhor não seja "narrar como se fez a sistematização", nem, simplesmente, "apresentar as principais conclusões". Haverá que pensar num documento criativo que dê conta da vitalidade da experiência.

Devemos recorrer a toda forma imaginativa ou criativa que torne *comunicável* nossa experiência: teatro, fábula, vídeo, gráficos, pequena história, novela, etc. (Levar em conta *a quem* é dirigido esse material e *para que* ele é produzido e, portanto, não será necessário incluir tudo o que fizemos...)

Até aqui a proposta metodológica foi acompanhada de uma série de exemplos ilustrativos. Esperamos que seja um instrumento útil.<sup>60</sup> Para complementá-la, acrescentamos o capítulo seguinte com uma amostra de experiências reais, que pretende abrir mais um pouco o leque de possibilidades de sistematização.

---

<sup>60</sup> Ver o anexo # 1, que contém um resumo dos exemplos utilizados nesse capítulo.



**8º**

***Algumas***  
**experiências**  
**significativas**

## Confesso que aprendi

Tomei este subtítulo de meu amigo Chema García Ríos,<sup>61</sup> porque expressa perfeitamente o que queria comunicar neste livro a esta altura: que tudo o que aqui se propõe foi recolhido da experiência como educador popular que tenho tido durante um pouco mais que vinte anos, primeiro no Peru e em seguida na América Central. E se tivesse que me referir a todo este período em uma só frase, qualificá-lo-ia como "um imenso e riquíssimo aprendizado".

Sem dúvida, essa aprendizagem baseou-se, fundamentalmente, nas experiências próprias de educação popular, nas quais as pessoas dos setores populares com as quais se trabalha, são as que mais ensinam.<sup>62</sup> Também tive o privilégio de participar de encontros, seminários ou oficinas, com amigas e amigos de todo o continente que compartilharam comigo (e, portanto, ensinado) suas próprias aprendizagens; mesmo assim, devo reconhecer tudo o que aprendi graças a leituras de textos teóricos, metodológicos y testemunhais, nos quais encontrei sugestões, pautas e lições que iluminaram as buscas e inquietações de muitos momentos vividos ao longo dessa intensa prática.

Por isso, consciente das virtudes e limitações desse livro, não posso deixar de compartilhar brevemente algumas experiências concretas que me parecem significativas e que podem animar a muitos a sistematizar suas experiências. Primeiro, colocarei algumas experiências próprias e depois as de outras pessoas. Não têm maior pretensão do que mostrar a enorme variedade de processos que podem caber, segundo o meu entender, sob o conceito de "sistematização".

---

<sup>61</sup> Ver: *"Cuando se vive marcha atrás, metodología de talleres sobre sexualidad, trabajo y autoridad"*, Tarea, Lima, 1992.

<sup>62</sup> Aspecto essencial da vida de um educador ou educadora popular que Carlos Nuñez, acertadamente enfatizou e resgatou, "perseguido" com seu gravador dezenas de amigos por todo o continente, para que relatassem episódio nos quais o povo foi o principal "mestre" e que aparecem recolhidas em: *"Más sabe el pueblo...anécdotas y testimonios de educadores populares latinoamericanos"*. IMDEC, Guadalajara, 1990.

### **a) Camponeses recuperam criticamente sua história**

Era dezembro de 1973. Os trabalhadores da cooperativa *Lutadores de Dois de Janeiro*, Buenos Aires, vale do alto Piura, Peru, preparavam-se para celebrar o primeiro aniversário da ocupação de terras que teve por resultado sua desapropriação para o processo de reforma agrária. Eram os tempos do governo do General Velasco Alvarado.

Eu trabalhava como alfabetizador e capacitador no CIPCA (Centro de Investigación y Promoción del Campesinato), sendo responsável pelo acompanhamento dos participantes nos cursos de capacitação social e administrativa de Alto Piura .

Na cooperativa reinava o ânimo por duas razões: por um lado, tinham que celebrar uma luta histórica que durou mais de um mês, na qual participaram cerca de três mil homens, mulheres e meninos, liderados pelo sindicato de Buenos Aires e seu secretário geral, o companheiro Cruz; por outro, o sindicato, a direção e o ânimo reivindicativo haviam decaído desde que o governo formou a cooperativa e os funcionários os convenceram de que "já não havia patrão contra quem lutar".

A federação departamental de camponeses preparava uma atividade celebrativa com convidados importantes que fariam discursos políticos orientadores, chamando a atenção para o fato das reivindicações dos trabalhadores não estarem satisfeitas.

Com o grupo de acompanhamento, com o qual me reunia todos os finais de semana, surgiu uma idéia: fazer para o dois de janeiro uma peça de teatro que recuperaria a história da ocupação das terras. Durante uma semana recolhemos todos os testemunhos possíveis sobre o que aconteceu um ano antes... as pessoas contavam emocionadas sua versão e sua participação nos fatos.

Com esse material, durante toda uma noite, entre doze pessoas elaboramos um sociodrama em cinco atos, que reconstruía as cinco

etapas mais importantes do processo de ocupação. Era 30 de dezembro de 1973.

Em dois de janeiro, quando - devido ao sol intenso e às duas horas de discursos - a maioria dos quase três mil assistentes presentes à atividade ia se retirando, um anúncio que partiu do palanque juntou todos : um grupo do sindicato apresentaria uma peça de teatro....!

Poucas vezes depois, em toda a minha vida, fui testemunha de um momento de tal identificação com uma peça teatral; as pessoas entravam no cenário e tomando o microfone diziam: "Lembram-se, com-panheiros? Isto aconteceu assim, assim..." comentando e recriando cada fato que reviviam.

O auge aconteceu, quando no quarto ato, o juiz nega pela quinta vez a desapropriação de toda a fazenda (que era de mais de dez mil hectares) e acontece um enfrentamento entre ele e os trabalhadores. Então acontecera algo que ficara bem gravado na memória dos trabalhadores, como um símbolo: uma senhora negra, chamada Yuya, havia levantado o juiz no ar dizendo que enquanto não lhes entregasse toda a terra da fazenda, não deixariam a luta. Mas na peça de teatro não se havia recuperado esse acontecimento; foi então que, diante da própria senhora Yuya, outra mulher subiu ao palco e, em meio à algazarra geral, disse: "Eu vou ser a senhora Yuya", enquanto levantava pelos ares aquele que fazia o papel de juiz... era um acontecimento significativo que não poderia faltar, porque marcou simbolicamente a decisão de luta e o desenlace vitorioso da ocupação de terras, um ano antes.

No final, as intervenções e comentários se sucederam uns após os outros, durante mais de uma hora e meia. Ressaltaram que não poderiam deixar morrer a experiência; que tinham que reavivar o sindicato; que a luta não havia terminado; que como dirigentes se comprometiam a continuar...

Isso foi uma "sistematização"? Eu creio que sim.

## **b) Dirigentes camponeses escrevem um livro**

Departamento de Rivas, Nicarágua, 1987. Félix Peña Baldelomar, dirigente camponês da comunidade de Cantimplora, promotor cultural, ator de teatro, responsável da FSLN em sua comunidade e dois dirigentes-promotores-atores como ele, Abraham Espinoza e Donald García, decidem que se publique um livro com a experiência de trabalho organizativo e educativo realizado nessa zona.

A base de registro com que se contava era um pilha de mais de meio metro de folhas, contendo transcrições de oficinas, conversações, reuniões de planejamento e avaliação, que durante cinco anos, pacientemente, havia realizado Cecilia Díaz, responsável do Alforja pelo trabalho de educação popular naquela zona.

Muito dessas transcrições já havia sido "devolvido" aos protagonistas dos eventos, sob a forma de folhetos, memórias, fotonovelas e contos. Outra parte, sobretudo as reflexões da equipe de dirigentes, tinha-lhes sido entregue por escrito, para ir objetivando seu próprio pensamento, para dar continuidade ao processo. Ficavam muito surpresos quando liam o conversado há tempos atrás e diziam: "Eu disse isso?" "Que problema! Quando alguém diz algo o vento leva, mas quando se vê por escrito, a gente se compromete mais com o que disse."

Quem sabe a partir dessa constatação e do convencimento de que a experiência tinha passado, deixando-nos tantos ensinamentos que poderiam ser úteis a outras pessoas, foi que nos veio a idéia do livro. Nessa ocasião, Cecilia preparava seu regresso ao Chile e eu, que a auxiliava nessa zona, assumi o projeto, sem saber que seria uma das mais apaixonantes experiências de minha vida como educador popular (nem ela suspeitava onde iriam terminar tantas horas de gravação e paciente transcrição).

Primeiro, recordamos rapidamente o que se havia feito desde 1983. Com base nisso, definimos o conteúdo principal do livro (o eixo principal da sistematização?): o trabalho organizativo nas comunidades

camponesas. Em seguida o dividimos em diferentes capítulos: qualidades de um dirigente; métodos de trabalho; a importância da recuperação histórica; a importância do trabalho cultural; o trabalho com as mulheres, etc.

A partir desse "índice", dedicamo-nos a agrupar (graças a um computador, tão simples que hoje seria motivo de risos, mas que naquele momento nos foi indispensável), os diferentes parágrafos das transcrições que faziam referência a cada aspecto, ainda que tivessem sido declarados em diferentes anos, ou uma frase pronunciada em uma avaliação e a seguinte no plenário de uma assembléia.

Aqui vem a parte "artística" da questão: como organizar o conteúdo de cada capítulo, com coerência, respeitando o testemunho textual, mas com uma redação que pudesse ser legível e interessante para um leitor externo. A única resposta foi deixar-me levar pelo que havia aprendido deles quanto à sua forma de comunicar-se e colocar particular atenção à forma como construíam suas frases. Desta maneira, tratando de seguir com sua própria lógica, organizou-se cada capítulo numa sequência de idéias alinhavadas o melhor possível.

Até aqui foi feita a parte de "*reconstrução*" do discurso. Agora viria a *interpretação crítica*. Cada capítulo, em rascunho, era lido e desfrutado em equipe, durante horas inesquecíveis em que eles não só tomavam distância crítica do que haviam dito, como o recriavam, fazendo comentários, recordando quando e porque foi dito, corrigindo, reafirmando...tudo era gravado e novamente transcrevíamos, para incorporar a uma nova versão em rascunho, que parecia que nunca deixaria de enriquecer-se e que, portanto, nunca estaria pronto para publicar.

Mas não: ao cabo de nove meses e meio, de uma só vez, das três da tarde até às dez da noite, lemos do começo ao fim a última versão do "livro". À essa hora, iluminados por um lampião de querosene, no quintal da casa de Félix, em meio ao canto dos grilos que musicavam a noite, nós nos perguntávamos: "E que título colocar no livro?" Após vinte oito tentativas, era quase meia-noite, uma brisa ameaçava apagar o lampião; Félix, com a agilidade física que o

caracteriza, posicionou suas mão para evitá-lo, e com sua não menor agilidade intelectual, fazendo referência a uma idéia que aparecia no livro disse: "Já sei qual vai ser o título. A luz de nossa consciência, esta luz que não se apaga". E assim escolhemos o título: "*Esta luz já não se apaga*".<sup>63</sup>

Uns meses depois, quando se repartiu o livro com toda a comunidade, e as pessoas viam-se nas fotos e liam-se nas frases ditas pelos dirigentes, pelas mulheres, pelos mais velhos, pelos jovens, recordando as experiências e ensinamentos do trabalho realizado nos últimos quatro anos, diziam: "tudo que está aqui é verdade; nada é mentira, porque dissemos e vivemos tudo isso".

Com essa convicção, "*Esta luz já não se apaga*"... foi compartilhado em todas as escolas de formação camponesa da região sul da Nicarágua para mostrar as aprendizagens que um grupo de educadores populares do campo havia extraído de suas próprias experiências. CEAAL considerou importante que o livro não ficasse só nessas fronteiras e fez uma edição que foi distribuída por toda a América Latina. Oxalá acontecesse o mesmo com todas as sistematizações que as pessoas realizam, às vezes sem saber que tem esse nome.

### **c) Sistematização de uma rede de centros**

(As oficinas de "sistematização e criatividade" da ALFORJA)

ALFORJA é uma coordenação de educação popular formada por sete instituições: *IMDEC*, do México; *SERJUS*, da Guatemala; *FUNPROCOOP*, de El Salvador; *CENCOPH*, de Honduras; *CANTERA*, da Nicarágua; *CEASPA*, do Panamá e o *CEP-Alforja*, da Costa Rica, que é também a sede da coordenação regional.

---

<sup>63</sup> Félix Peña Baldelomar e dirigentes camponeses de Rivas: "...*esta luz ya no se apaga. Reflexiones sobre el trabajo organizativo en el campo*". Ed. Vanguardia-Alforja, agosto, 1988.

Existe desde 1981, quando a maioria dos atuais centros integrantes se encontrou trabalhando de forma conjunta na Nicarágua, naquele contexto dos primeiros anos posteriores ao triunfo da revolução sandinista, onde fomos desafiados pela possibilidade de realizar um trabalho de educação popular que nunca havíamos imaginado que poderíamos viver.

A Nicarágua foi o crisol onde se fundiram as experiências, habilidades, sonhos e expectativas que cada um de nós trazia de diferentes rincões do continente. Esse contexto era como um leito de rio onde confluíam todas as nossas contribuições a partir de nossos antecedentes particulares e que permitia projetar nossas práticas em um novo horizonte coletivo.

Também se fundiram nossas concepções sobre educação popular, teoria do conhecimento, metodologias e técnicas; sobre como conseguir o efeito multiplicador e a apropriação de conteúdos e métodos por parte dos sujeitos com os quais trabalhávamos. A dimensão nacional da maioria dos projetos na Nicarágua exigia-nos respostas educativas inéditas para nós (por exemplo, a educação de adultos após a cruzada nacional de alfabetização, ou o plano nacional de capacitação para trabalhadores rurais). A velocidade dos acontecimentos exigia-nos respostas educativas eficientes e de acordo com os ritmos de um país em revolução. Tanto nos ministérios como nos organismos de massas, sempre encontramos uma grande quantidade de gente entusiasmada e entregue, até os limites de suas forças, a esta aventura da educação popular na qual cada nova tarefa era um desafio à criatividade.

A partir desse acontecimento vimos-nos obrigados a repensar as concepções e práticas de educação popular que estávamos realizando no México, Panamá, Honduras, Costa Rica... E conforme as experiências iam acontecendo, nós nos víamos obrigadas a dar conta delas, assim como dos novos desafios e aprendizados que surgiam no que fazíamos no contexto nicaraguense. Quando voltávamos a nossos países, enriquecidos com essa aprendizagem, recriávamos nossas práticas, dado que nossos contextos tinham, logicamente, outra

dinâmica, diferente daquela da Nicarágua. Era, realmente, um processo apaixonante de renovação prática e teórica.

Não foi por acaso, então, que após um ano de estarmos coordenando uma série de ações de maneira informal e operativa, aproveitando o que cada um sabia sobre pedagogia, cultura, comunicação, teatro, metodologia, técnicas participativas, etc., decidimos constituir-nos como um *Programa regional coordenado de educação popular*, ao qual escolhemos chamar "*ALFORJA*".<sup>64</sup>

A idéia era ordenar e formalizar um pouco o que vínhamos fazendo de maneira mais ou menos espontânea:

- a) Maximizar os recursos humanos e materiais existentes em nossas instituições.
- b) Evitar a duplicação de esforços.
- c) Coordenar atividades de forma operativa, não burocrática e em função de planos concretos.
- d) Impulsionar uma dimensão regional em todos os nossos trabalhos nacionais.

Assim, em 29 de maio de 1981, nasceu nossa coordenação e com ela o primeiro plano de trabalho coordenado, que incluía atividades conjuntas de capacitação, investigação, produção de materiais, etc., não só na Nicarágua, como também nos demais países. Essa dinâmica fez com que, ao longo do tempo, sentíssemos s

---

<sup>64</sup> ALFORJA não é nenhuma sigla; é simplesmente o nome dessas bolsas de couro ou juta que se levam ao ombro ou se colocam sobre uma montaria. Escolhemos para nosso programa regional o nome desse objeto, tão utilizado pelos camponeses de quase toda América Latina, por ser algo que está nas mãos do povo simples, que lhes é útil, que serve para levar e trazer diversas coisas: comida, ferramentas, livros, produtos da colheita, etc., e, nesse sentido, podia representar nossa opção popular e o contínuo movimento e intercâmbio que estava se dando entre nós. Originalmente, foi escolhido por Laura Vargas para identificar as primeiras publicações que fizemos com a intenção de divulgar temas de educação popular na Nicarágua, e que foram editadas em maio de 1980.

necessidade de continuar dando conta do aprendido, de intercambiar os ensinamentos dos processos que estávamos vivendo, de produzir uma reflexão teórica mais consistente que recolheria as novas experiências e de melhorar nossas práticas particulares graças às aprendizagens que realizamos.

Por isso, convocamos a "**Primeira oficina regional de sistematização e criatividade**" da ALFORJA, que se realizou de 16 a 24 de abril de 1982, em São José da Costa Rica. Éramos cerca de vinte e oito pessoas, algumas não pertencentes formalmente à nossa rede, mas com as quais trabalhávamos estreitamente. Chamamos de oficinas de sistematização e criatividade porque teriam uma primeira fase de intercâmbio de experiências; uma segunda de reflexão crítica a partir do intercâmbio; após a qual nos dividíamos em grupos e passávamos a uma terceira fase dedicada à produção criativa, (no começo, fundamentalmente produção de técnicas e orientações metodológicas, posteriormente, de planejamentos e propostas).

Nesse primeiro evento, por exemplo, realizamos uma sistematização dos critérios metodológicos com os quais havíamos trabalhado num total de 17 oficinas de capacitação no último ano. (apropriação, efeito multiplicador, desenho, produção e uso de técnicas, sequência, investigação, coordenação, definição de objetivos, etc.) Coletivizávamos também as experiências de recuperação cultural. Fizemos, a partir delas, uma reflexão sobre as características da cultura popular. Realizamos uma análise da conjuntura centro-americana e mexicana, para extrair de seus desafios os eixos temáticos e de ação em que nos concentraríamos dali em diante. Na parte da criatividade, um grupo produziu uma feira comunal, adaptando conteúdos educativos a brincadeiras tradicionais como o bingo, o quebra-panela, as sombras chinesas, etc. Também foram produzidas novelas de rádio e sociodramas... No final, fez-se a programação de atividades coordenadas para o semestre seguinte: de maio a setembro.<sup>65</sup>

---

<sup>65</sup> Ver, a respeito: ALFORJA, *I Taller de creatividad, 1982. Documentos y Memoria*. San José, maio de 1982.

Tanto nos entusiasmou e nos serviu este encontro que, a partir dali, decidimos realizar um encontro semelhante por ano.

No momento de escrever estas linhas, preparávamo-nos para a décima segunda oficina, que se realizou de 18 a 24 de setembro de 1994, em Honduras.

Ao longo de todos esses anos, essas oficinas foram um espaço privilegiado de encontro e de reflexão, fundamentalmente para os integrantes da rede ALFORJA, mas também para outros amigos do continente que compartilharam conosco a experiência.

Certamente, umas oficinas resultaram melhores que outras: tiveram melhor preparação, maior nível de profundidade ou levaram a conclusões mais sólidas. Sem dúvida, quem participou delas, considerou-as eventos especiais que marcaram fortemente sua experiência como educadores populares. Quase podemos dizer que não tem havido contribuições importantes na concepção ou proposta metodológica dos centros ou dos membros do ALFORJA que não tenham sido alimentadas previamente pelo debate coletivo e a reflexão crítica de nossas oficinas de "sistematização e criatividade".

Ainda que em algumas delas tenha tido maior peso a reflexão teórica do que a sistematização propriamente dita, todas, desde 1984, tiveram as seguintes características:

- Referiam-se a um *eixo temático específico* previamente definido, ao redor do qual girou a preparação prévia e a oficina em si.
- Tinham os *objetivos* definidos previamente, não só para o evento, como também para o processo de nossa coordenação.
- Tinham como *objeto* de reflexão e sistematização, nossas próprias experiências, tanto a nível nacional, como as realizadas coletivamente a nível regional.

- Contaram com um *roteiro de perguntas*, que foram trabalhadas previamente por todos os centros, antes de sua participação na oficina, e que normalmente se expressa num documento que cada equipe leva ao evento.
- Finalizaram-se com a elaboração de um ou mais *produtos coletivos* (documentos, roteiro de teatro e de vídeo, técnicas participativas, programas de trabalho...).

#### **A nona oficina:**

Por exemplo, a nona oficina, realizada no Panamá em julho de 1991, coincidiu com a celebração de nosso décimo aniversário como coordenação e com a constatação de que se abria um novo período na história centro-americana e a nível mundial. Por este motivo, foi uma excelente oportunidade para fazer um necessário balanço da década e uma projeção dos desafios para o futuro.

Assim, cada um dos sete centros trabalhou - com base num roteiro de sistematização enviado previamente a todos - um *balanço dos dez anos*, tanto em termos de seu trabalho particular, como da coordenação: elementos positivos e negativos; vigências e decadências de nossa concepção e prática; desafios da conjuntura nacional, regional, latino-americana e mundial.

Cada centro trouxe também *propostas de trabalho* para nossa rede: quanto à nossa vinculação com os setores populares, no que se refere a uma estratégia de comunicação, em relação à nossa vinculação com outros centros e redes; em torno do funcionamento, estrutura e divisão de responsabilidades em nossa coordenação.

Estes balanços e propostas foram intercambiados e debatidos até chegar na parte criativa que formulou cinco planos operativos: um plano regional de sistematização; um plano de investigação e reflexão teórico-metodológica, um plano regional de formação para instituições,

um plano regional de formação para organizações populares e uma estratégia de comunicação.<sup>66</sup>

### **A décima oficina:**

A décima oficina, realizada em Antigua, Guatemala, em setembro de 1992, teve as seguintes características:

#### *Eixo de sistematização:*

A contribuição estratégica que os processos de educação popular devem dar à construção de uma alternativa popular, quanto ao ético, à identidade, às relações de gênero, ao poder e à democracia.

#### *Objetivo:*

Precisar, a partir da sistematização de nossas experiências, que linhas estratégicas e operativas devem orientar, no futuro, as práticas de educação popular da ALFORJA, com vistas à construção de alternativas populares.

Assim, uma comissão elaborou um roteiro de sistematização para cada aspecto do eixo: *o ético, a identidade, as relações de gênero, o poder e a democracia*; do mesmo modo, providenciou documentos de apoio para a reflexão prévia por parte de cada centro, desses quatro temas.

Já na oficina, num primeiro momento, cada equipe expôs suas respostas ao guia, *a partir da experiência e contextos próprios*. Identificaram-se, desse modo, as principais contradições que vivíamos e o que fazíamos para enfrentá-las. Igualmente, levantaram-se

---

<sup>66</sup> Ver: ALFORJA, Programa Regional Coordinado de Educación Popular, *9º Taller regional de sistematización y creatividad 10 años de Alforja, balance y perspectivas*, e também *Documentos previos* - Panamá, 22-28 de julho de 1991.

questionamentos, inquietações, afirmações básicas e pontos de debate. Contribuíram nesse processo companheiras do Brasil e do Chile que nos acompanharam na oficina.

Num segundo momento, aprofundou-se cada aspecto do eixo em particular, tanto por grupos, como em plenária.

Num terceiro momento, chegamos a uma nova visão global, buscando a inter-relação estratégica entre os diferentes aspectos, vinculando as conclusões do trabalho do segundo momento.

Por último, no quarto momento, a fase de criatividade, formularam-se propostas e planos de ação operativos, com ênfase no pedagógico e didático. Trabalhou-se em grupos e depois, em plenário.<sup>67</sup>

### **A décima primeira oficina**

A décima primeira oficina, levada a cabo em San Ramón, Costa Rica, de 29 de agosto a 17 de setembro de 1993, teve as seguintes características particulares:

#### *Eixo de sistematização*

A contribuição dos processo de educação popular para a construção de alternativas de democracia e de desenvolvimento integral.

Com base nesse eixo, havia se elaborado um roteiro de sistematização e reflexão, que considerava fundamentalmente quatro aspectos:

---

<sup>67</sup> Ver: ALFORJA, *X Taller regional de sistematización y creatividad*. Antigua Guatemala, 1 a 8 de setiembre, 1992.

- a) Nossa experiência , concepção, questionamento e propostas em relação ao pedagógico e a construção dos sujeitos, a partir da prática de educação popular.
- b) Nossa experiência, concepção, questionamentos e propostas em relação à construção de alternativas de democracia.
- c) Nossa experiência, concepção, questionamentos e propostas em relação à construção de alternativas de desenvolvimentos.
- d) Nossa experiência, concepção, questionamentos e propostas em relação a nosso funcionamento institucional (como centros e como rede).

Este guia, com perguntas específicas, foi trabalhado por cada centro participante, que chegou à oficina com um documento elaborada a partir de sua própria prática.

*O objetivo:*

O objetivo principal da oficina era construir coletivamente uma aposta estratégica regional para a coordenação ALFORJA, a partir das condições, características e propostas particulares dos diferentes centros.

Contamos com a presença de amigas e amigos de outros centros irmãos do Peru, Uruguai, Cuba, Brasil e Nicarágua, que contribuíram com experiências e reflexões próprias, a partir de seus respectivos contextos.

*O processo:*

1. A oficina iniciou-se com uma "assembléia" de todos os centros da coordenação, na qual se compartilharam as apostas estratégicas de cada equipe na situação atual, e se localizaram os desafios gerais que até aquele momento vínhamos trabalhando, assim como os "nós problemáticos" aos quais pensávamos que devíamos responder.

2. Num segundo momento, todos participamos em uma grande jornada pública sobre "Educação popular, democracia e desenvolvimento", na qual se realizaram três mesas redondas e um ato artístico-cultural, nos auditórios da Universidade da Costa Rica.<sup>68</sup>
3. Depois fizemos uma colocação sobre o ponto de partida de nossas reflexões, com uma leitura e síntese de:
  - Documentos que trazíamos.
  - Os "nós problemáticos" assinalados.
  - Os principais desafios do contexto.A síntese desses três aspectos, nos levou a definir nossa "agenda" de trabalho para essa oficina e para o futuro próximo.
4. Trabalhando em grupos por *afinidade de trabalho* (alternativas econômicas, gênero, educação para a cidadania e formação política, formação metodológica), e por *temas específicos* (a construção de sujeitos, propostas teóricas sobre democracia e desenvolvimento, propostas pedagógicas e propostas de funcionamento) foram produzidos documentos reflexivos e propositivos que se debateram e enriqueceram coletivamente.
5. No final, retomando tudo o que foi trabalhado, cada centro se reuniu e elaborou uma lista de compromissos e tarefas a assumir no futuro. Isto nos levou na última plenária a definir acordos e assumir responsabilidades. Em seguida veio a avaliação e a festa.<sup>69</sup>

Como se vê nesse itinerário descritivo, nossa coordenação considerou a sistematização como um elemento fundamental de nosso que fazer conjunto, tanto para produzir teoricamente, como para orientar nossa prática coletiva.

---

<sup>68</sup> Ver, a respeito o texto *Educación Popular, democracia y desarrollo*, série *Pensando la educación popular*, nº 14, Alforja, 1994, que recolhe os aspectos importantes dessa jornada.

<sup>69</sup> Ver ALFORJA, *XI Taller regional de sistematización y creatividad* (Documentos previos y memoria), Villa Blanca, Costa Rica, 29 de agosto a 7 de setembro de 1993. Ver também: *Educación Popular, Democracia y desarrollo*, síntese do fórum realizado em 30 de agosto de 1993. Serie *Pensando la Educación Popular* nº 14.

Faltou-nos dar a esse processo todo a continuidade que necessitaria para poder ir acumulando mais explicitamente seus resultados; sem dúvida, há uma acumulação histórica que viemos realizando, que é parte importante de nossa identidade como pessoas, como equipes e como rede.

O fato de ter um eixo de sistematização comum, de contar com o mesmo guia de sistematização prévio, de dedicar tempo em cada centro a trabalhá-lo e levar suas contribuições à oficina, de tratar de estar sempre tentando responder a desafios concretos e de elaborar memórias das onze oficinas deu resultado: fomos avançando permanentemente em torno de uma concepção comum de trabalho e adaptando-nos cada vez às mudanças dos contextos e à diversidade de práticas de cada um de nós.

Não é um processo ideal, mas sim um processo sumamente enriquecedor. Agora que nos aproximamos dos quinze anos de criação de nossa coordenação ALFORJA, quem sabe possamos encontrar aí um motivo para "sistematizar a experiência de sistematização" desse período.<sup>70</sup>

**d) Sistematização de uma experiência institucional em processo:  
O plano de sistematização e reflexão teórica do CEP- Alforja.**

*O Centro de Estudos e Publicações Alforja* é um centro costarricense de educação popular, que trabalha desde 1981 em diversos programas a nível nacional e centro-americano. Situado em San José , Costa Rica, é por sua vez, a sede da Coordenação Regional ALFORJA. Atualmente trabalham nele 23 pessoas entre investigadores, educadores e pessoal de apoio técnico e administrativo.

---

<sup>70</sup> Para maior informação, os documentos, memórias, desenhos metodológicos, avaliação, sobre essas oficinas, encontram-se no Centro de Documentação do Alforja, em San José . As memórias e documentos base podem ser encontrados em qualquer dos sete centros de nossa Coordenação Regional.

Tem um programa integrado de trabalho para o qual se contribui a partir de diferentes sub-equipes: acompanhamento a processos no setor urbano, acompanhamento a processos no setor do campo, formação metodológica de animadores-educadores, análise da realidade e formação temática e produção de material educativo.

Desde há muitos anos, temos tentado sistematizar nossas experiências no CEP, fundamentalmente inspirados e "pressionados" pelos planos de sistematização de nossa coordenação regional. Desde 1991, decidimos incorporar a sistematização como uma dimensão permanente de nosso fazer institucional.

Nessa busca, temos realizado várias tentativas, convencidos da importância fundamental da sistematização para:

- a) Construir um pensamento coletivo próprio, com base no intercâmbio, no debate e na reflexão criativa.
- b) Formarmo-nos a partir dos ensinamentos das diferentes experiências que realizamos no interior do projeto institucional.
- c) Melhorar nosso trabalho, aprendendo uns com os outros e incentivar-nos criticamente a partir da dinâmica dos processos aos quais buscamos contribuir.
- d) Consolidarmo-nos como uma equipe de companheiras e companheiros, com maiores níveis de identidade comum e com um estilo de trabalho próprio que, respeitando as contribuições e características individuais, promova o encontro e a articulação coletivas.

Nesse sentido, temos destacado a sistematização como prioridade institucional e temos reservado tempo e espaço como o fazemos para o planejamento e a avaliação. Não resolvemos ainda todos os problemas e dificuldades mas continuamos procurando nossa própria maneira de fazê-lo. Nesse texto apresentaremos brevemente os traços mais característicos de nossa experiência.



## **A aposta política**

A partir de 1991 e como produto das profundas mudanças no contexto e a necessidade de uma redefinição institucional, o CEP-Alforja define uma "aposta política", quer dizer, uma linha de orientação de longo prazo para o conjunto de nosso trabalho de educação popular, que foi formulada como "construir alternativas populares ao modelo neoliberal".

Essa "aposta" implicava em identificar os *problemas* e as *potencialidades* existentes para construir essas alternativas, relacionando o impacto das medidas neoliberais no país, assim como a situação e as propostas dos setores populares e movimentos sociais. Isso exigia um trabalho de **investigação** e de acompanhamento da conjuntura. Por outra parte, era necessário descobrir os fatores que - a partir da prática de educação popular - poderiam contribuir para a construção dessas alternativas. Isso exigia um trabalho de **sistematização**.

## **O plano de sistematização e reflexão teórica**

Com base nos elementos e exigências assinalados, planejamos um processo de discussão e reflexão para o conjunto da equipe, que poderia incorporar tanto *avanços de investigação* como *momentos de sistematização*. No ano de 1991, realizamos seis jornadas de reflexão em torno de aspectos relacionados com a aposta política.

A avaliação da experiência desse ano fez-nos ver que não havíamos articulado adequadamente os conteúdos das diferentes sessões e por isso os resultados ficaram dispersos, sem continuidade nem acumulação.

Por isso, para 1992, estruturamos um plano de trabalho que, diferentemente de outros anos, partia primeiro de uma planificação geral *para toda a equipe*, definindo objetivos e metas conjuntas a partir

dos quais cada sub-equipe definia as suas formas específicas de conseguir essas projeções comuns.

Desse modo, definiu-se primeiro o *cronograma geral* para que, com base nele, cada sub-equipe definisse seu próprio cronograma. Dessa forma, no começo do ano, formulamos um plano de sistematização e reflexão teórica para toda a equipe, que tinha as seguintes características:

1. Girava em torno de eixos de **sistematização** relacionados:
  - a) *Educação popular e fatores de construção de protagonismo popular.*
  - b) *Educação popular e fatores de construção de identidade popular.*
  - a) *Políticas sociais.*
  
1. Incorporava, num plano de sessões, avanços nos temas de investigação que definimos:
  - a) *Movimentos sociais.*
  - b) *Conjuntura centro-americana.*
  - c) *Dominação, ideologia, ética e lógica popular.*
  
2. Estava estabelecido no **cronograma de todas as sub-equipes**, as datas para as sessões conjuntas: nove sessões mensais, de dois dias cada uma, nas quais deveriam participar todos os integrantes da equipe de educadores e investigadores do CEP-Alforja.
  
3. Estavam definidos os **temas** de cada sessão e as **pessoas** integrantes das comissões que preparariam, conduziriam, e elaborariam as memórias de cada uma (cada comissão foi formada por três pessoas de diferentes sub-equipes).
  
4. O plano contemplava a elaboração de **contribuições** específicas para a oficina anual da Coordenação Regional ALFORJA assim como artigos para o boletim mensal do centro: *Entrelíneas*.

A experiência desse ano foi muito rica e permitiu trabalhar um processo contínuo e em melhores condições que em 1991, mas enfrentou algumas dificuldades:

. Nem sempre o ritmo dos processos de pesquisa correspondia às exigências de entrega adiantada para as sessões em que eram requeridas.

. As comissões, pelo fato de trabalhar só a sessão que estava sob sua responsabilidade, não conseguiram articular suas pautas com os resultados da sessão anterior, nem prever as pautas para a seguinte, o que manteve uma certa desconexão entre os conteúdos de uma e outra.

. Não se havia previsto o tempo que tomaria articular as memórias de cada sessão (incluindo transcrição de gravações, datilografar os cartazes, redação, diagramação e reprodução), e foi difícil combinar os tempos dos integrantes de cada comissão, já que cada um pertencia a uma sub-equipe, com seu próprio programa de trabalho.

Aprendendo com isto, no **plano de 1993**, fizeram-se algumas modificações:

1. Definiu-se **só um eixo temático**, no qual se integraram tanto os temas de pesquisa, como os processos de sistematização. O eixo foi: *"A contribuição pedagógico-política dos processos de educação popular à construção de alternativas."*
2. As comissões se constituíram da mesma maneira que em 1992, mas uma pessoa foi nomeada como **responsável para coordenar o conjunto do processo**, o que implicava pensar na globalidade e trabalhar com todas as comissões, tratando de manter a ligação e a sequência acumulativa de temas entre uma e outra sessão ao longo do ano.
3. No plano inicial detalhou-se, para cada sessão, que **insumos** seria necessário preparar ( documentos prévios, sistematizações parciais,

etc.) assim como quais **produtos** se esperaria obter especificamente dela (artigos para o boletim, memória, roteiro de audiovisual, etc.)

4. Foi estruturada uma sequência temática que previa quatro sessões sobre aspectos particulares relacionados com o eixo da contribuição *pedagógica* da educação popular, e uma sessão de síntese que juntaria as contribuições das anteriores. Esta sessão de síntese seria imediatamente anterior à oficina regional de sistematização do ALFORJA, permitindo assim prepara como equipe um traçado a levar à oficina. Posteriormente, seguiriam as sessões sobre a contribuição *política*, com procedimento semelhante.

Deste modo, o plano de 1993 teve a seguinte sequência:

#### **Sessão preparatória (1 e 2 de março)**

Definição do plano geral de sistematização e reflexão teórica da equipe. Foram definidos o conteúdo, os objetivos específicos, os insumos, os produtos esperados, as datas e as responsabilidades das 8 sessões do ano, dois dias cada mês.

#### **Primeira sessão (1 e 2 de abril)**

Tema: "*Limites e potencialidades dos cursos de formação metodológica para animadores e dirigentes*". (Baseado em uma sistematização prévia do trabalho desta sub-equipe durante 1992 e a proposta que elaborou para 1993). Foi incorporada a esta reflexão um avanço de pesquisa em torno do ajuste estrutural e as tendências da situação econômica, relacionando estas com as necessidades, demandas e características do sujeitos a quem era dirigida nossa proposta de formação. Nas conclusões se enfatizam os elementos pedagógicos e didáticos.

#### **Segunda sessão (29 e 30 de abril)**

Tema: "*Relação entre formação metodológica e formação temática*". (Baseado na proposta que uma sub-equipe havia

elaborada para um curso de formação temática durante 1993). E como na sessão anterior, continuou-se o processo de identificação das tendências do contexto para relacioná-las com os temas e sujeitos priorizados. Como era a primeira vez que se fazia um curso de formação *temática* (sobre ajuste estrutural, reforma do Estado, privatização, modelo neoliberal...), buscava-se aplicar os ensinamentos dos cursos de formação *metodológica*, sobre os quais já tínhamos uma boa experiência acumulada. Como na primeira sessão, nas conclusões se enfatizam os elementos pedagógicos e didáticos.

#### **Terceira sessão (24-25 de junho)**

Tema: "*Os processos de formação no trabalho de acompanhamento*". (Baseado na sistematização prévia que a sub-equipe rural e a urbana haviam realizado de seu trabalho em 1992: formação em gestão, formação para a cidadania e formação de dirigentes de base). Foi incorporado um produto da pesquisa sobre a situação pré-eleitoral e o processo de privatização, vinculando-os às repercussões no âmbito do trabalho de acompanhamento. Tratava-se de aprofundar as sistematizações prévias, relacionar as experiências no urbano com as experiências dos camponeses e formular critérios para o trabalho futuro.

#### **Quarta sessão (29-30 de julho)**

Tema: "*O pedagógico e o metodológico nos processos de formação de educação popular*". Era preciso ordenar e aprofundar nossas reflexões como equipe em torno da relação entre o pedagógico e o metodológico. Do mesmo modo, aprofundar nossa discussão em relação aos *sujeitos* dos processos de formação e nossa concepção de protagonismo popular e construção de alternativas. Para esta sessão foram incorporados como contribuições alguns textos de reflexão pedagógica que estavam circulando a nível latino-americano na revista do CEAAL, assim como a recente declaração mundial "educação para todos" (declaração de Jomtien, Tailândia),

que propõe uma ênfase nas necessidades básicas de aprendizagem.

#### **Quinta sessão (19-20 de agosto)**

Tema: "*Nossa contribuição pedagógica à construção de alternativas populares de democracia e desenvolvimento integral*". Aqui era necessário ter uma síntese ordenada das quatro sessões anteriores, com vistas a elaborar conjuntamente a contribuição da equipe do CEP à XI oficina regional de sistematização do ALFORJA. Assim, foram formadas cinco comissões que redigiram, a partir das memórias e outros documentos de apoio, cinco documentos de proposta para a discussão e o acordo coletivo:

- Os desafios do contexto atual.
- Os sujeitos em nossos processos de educação popular.
- Critérios pedagógicos e didáticos que afirmamos.
- A relação entre o pedagógico e o metodológico.
- A democracia e o desenvolvimento que queremos.

De seu debate surgiu o documento final: "*Construção de sujeitos, critérios pedagógicos e contribuições da educação popular no atual contexto centro-americano*".

#### **Sexta sessão (30 setembro - 1 outubro.)**

Tema: "*Educação popular, participação popular e poder local em uma conjuntura eleitoral*". Aqui se iniciou a entrada no segundo aspecto do eixo: a contribuição *política* dos processos de educação popular. Foram retomadas as discussões tidas vinte dias antes, na oficina regional e foram incorporados os avanços da pesquisa sobre a situação eleitoral costarricense (as eleições eram em fevereiro de 1994). Essa discussão teve que ficar inacabada, pois o CEP iniciava a 15 de outubro uma avaliação do triênio 91-93, e as sessões programadas para sistematização (a sétima e a oitava) tiveram

que enfatizar o exercício avaliativo. A maioria dos elementos previstos foram retomados no plano de 1994.

Esta apresentação sintética do plano de sistematização e reflexão teórica do CEP-Alforja, pode dar uma idéia de como uma instituição, com vários projetos, programas ou áreas em seu interior, poderia desenhar um processo permanente de sistematização de suas experiências em curso.<sup>71</sup> Certamente, a forma, a modalidade, a duração, etc., poderão ser infinitamente variadas, de acordo com a dinâmica ou o ritmo institucional, que cada um deve definir.

Quem sabe valeria a pena enfatizar a importância de buscar encurtar o distanciamento que as vezes se produz em nossas instituições entre os chamados "teóricos" (que se dedicam à pesquisa) e os "práticos" (que fazem educação ou animação). Do mesmo modo, enfatizar que é fundamental ir criando um acúmulo histórico e uma cultura institucional, alimentados por uma dinâmica de equipe e um pensamento coletivo. Por outro lado, reforçar o quanto é interessante descentralizar a execução de responsabilidades de reflexão entre os diferentes integrantes das equipes, assim como prever uma coordenação geral que garanta a acumulação e continuidade do processo em conjunto.

Enfim, com esta quarta amostra, encerro a apresentação de experiências significativas de sistematização nas quais participei. Considero uma amostra variada que pode ajudar outros a desenharem seus próprios processos, vendo que é possível e viável sistematizar. No mínimo, creio que refletem a responsabilidade pessoal que sinto de compartilhar estas experiências que para mim foram e são tão importantes.

Como alfabetizador, como educador e animador em comunidades camponesas, como coordenador regional da rede ALFORJA, responsável em organizar as oficinas de sistematização e criatividade, e como responsável em coordenar o plano de sistematização e reflexão

---

<sup>71</sup> [ Para mais detalhes sobre estas experiências consultar a documentação no arquivo central do CEP-Alforja, em San José.].

interna do CEP até 1993, tive a sorte de fazer parte de equipes humanas incríveis com as quais esta busca prática e teórica pode ir se realizando e continua em processo. Graças a elas, pude extrair alguns ensinamentos de minhas próprias experiências que quis compartilhar com simplicidade, reafirmando que, ao longo destes vinte anos, como educador popular...confesso que aprendi.

## Outras experiências com as quais aprender

### a) Produtores de feijão colhem também uma experiência de comercialização.<sup>72</sup>

No final de 1993, um grupo de produtores agrícolas do distrito de Chánguena de Buenos Aires, ao sul da Costa Rica, com os quais desde 1990 trabalhava uma equipe para o campo, do CEP-Alforja, conseguiu acesso direto ao mercado nacional, com seu principal produto anual: o feijão. Conseguiram melhor preço e fizeram com que os intermediários, que durante anos se apropriaram dos excedentes da colheita, oferecessem melhores condições de intercâmbio aos produtores e reduzissem significativamente seus lucros.

Esta experiência foi o resultado de um processo preparatório educativo e organizativo de muitos meses, onde era necessário rever a experiência, avaliá-la e estabelecer claramente os acertos e erros, porque a iniciativa deveria repetir-se e ampliar-se. Esta era a necessidade definida pelos produtores.

Para a equipe do CEP-Alforja, o responder a essa necessidade concretizou-se numa proposta metodológica que permitiria rever o processo vivido e seus resultados. Para realizar isto, era necessário reconstruir o processo, analisá-lo criticamente e ressaltar os seus principais ensinamentos. Isto se fez numa oficina de um dia com os principais protagonistas: os produtores.

O primeiro passo que se propôs foi a **reconstrução histórica do processo**. Esta reconstrução não se fez de forma geral, considerando todos e cada um dos fatos que ocorreram. Seria muito longo e sobretudo desnecessário. Pelo contrário, era preciso um enfoque particular a partir do qual se observaria criticamente o conjunto de ações realizadas, quer dizer, um **eixo de sistematização**,

---

<sup>72</sup> Este relato está baseado no documento: "*Una experiencia de sistematización*", elaborado por José Antonio Chávez, responsável pela equipe de acompanhamento rural do CEP-Alforja em Costa Rica, em 18 de junho de 1994

que formalmente era "*o papel dos dirigentes no processo de comercialização*". Na prática, este eixo se expressava, a partir dos interesses dos produtores, em algo como: "*serviu para algo o que fizemos?*".

Para a reconstrução utilizou-se um recurso gráfico como técnica: no extremo esquerdo de um grande cartaz, colocou-se a figura de um camponês extenuado, triste, com pouco dinheiro e, em baixo, a data 92-93. No outro extremo, colocou-se outra figura, desta vez um camponês bem alimentado, bem vestido, mais satisfeito e com mais dinheiro; na parte inferior, a data 93-94. Entre ambas as figuras foi traçado um caminho com algumas curvas.

O primeiro desenho significava a situação dos produtores como resultado das condições em que venderam a colheita 92-93 e a outra, a mesma coisa, mas em 93-94. A partir do estabelecimento das diferenças que o grupo notava entre os desenhos, iniciava-se a reconstrução do processo que levou os camponeses de uma situação à outra, repre-sentado pelo caminho.

Para isto foi necessário deixar à mão uma ferramenta indispensável: **os registros da experiência**. Para o caso, contava-se com a coleção de todas as memórias das oficinas realizadas nesse período que, além de conter em detalhe os elementos que se buscavam, tinham a vantagem de ser um material que os produtores conheciam e manejavam.<sup>73</sup>

A reconstrução serviria para ordenar e classificar alguns dos elementos mais importantes: correspondentes a *capacitação* e a *gestão*, assim como o destaque das *dificuldades* em cada etapa.

---

<sup>73</sup> Estas memórias, correspondentes à idas mensais da equipe para o campo, são: "*Jugar un partido de frijol?*", março de 1993, "*Jineteando el ruco del mercado de frijoles*", abril de 1993, "*Y estamos preparando nuestra estrategia de juego*", maio de 1993. "*Tapado, sembrado y vendido: cuál sirve para comer?*" junho de 1993. "*De uno en uno...somos muchos*", julho de 1993. "*Memoria del taller de frijoleros*", agosto de 1993. "*1,2,3...cheque*", setembro de 1993. *Festival cultural de Chánguena*, novembro de 1993

Cada mês foi revisto com a ajuda das memórias e das recordações pessoais. Os elementos descobertos eram anotados em tiras coloridas, de acordo com cada componente: **verde** para a capacitação, **amarelo** para a gestão e **rosa** para as dificuldades.

Pouco a pouco, em cada margem do caminho apareceu uma multiplicidade de elementos classificados por mês e categoria. No princípio, as tiras verdes (capacitação ) superavam o número de amarelas (gestão), mas conforme passaram os meses, o balanço das cores mudou até chegar aos resultados finais dominados totalmente pelo amarelo.

Neste ponto a reação dos produtores foi de satisfação e de surpresa ao ver a quantidade de elementos, procedimentos e esforço desenvolvidos durante o ano de trabalho. Nesse momento, surge entre eles outra necessidade: comunicar a outros camponeses essa "descoberta", quer dizer, fazer ver a outros o que tinham visto agora. Já não eram importantes só os resultados finais da experiência, mas também *os ensinamentos do próprio processo* que permitiu esses resultados.

Com este ambiente de reconhecimento do próprio esforço, iniciamos a fase seguinte: **a interpretação crítica** da experiência, feita simplesmente, mas com profundidade: de novo foram classificados os resultados e os elementos do processo numa matriz analítica de três indicadores:

As "trapalhadas"	As recomendações para repetir a experiência	Novas idéias

Dessa maneira, foi gerada um distância crítica com respeito aos principais erros, com o ânimo de corrigi-los; ressaltaram-se os acertos e foram feitas propostas que corrigiriam os erros ou que, com base na experiência, surgiam como novas possibilidades.

Essa matriz foi dividida em três cartazes, de maneira que todos pudessem ler o que se ia classificando. À parte, eram anotados outros elementos apontados como aprendizagens, mas que não correspondiam necessariamente aos três aspectos da matriz.

A esta altura o caminho estava aberto para o último exercício: **sintetizar as aprendizagens** coletivas e individuais da experiência. Estas começaram a brotar por si mesmas, sem tanta ordem como nos passos anteriores, mas com tal riqueza e naturalidade que a única forma de recolhê-las foi por meio de gravação. Esses ensinamentos surgiram misturados entre as anedotas agora carregadas de sentido, de com-promisso e satisfação. A aprendizagem estava contida nas opiniões, nas falas e nas convicções que o grupo manifestava aos borbotões.

A reconstrução ordenada e crítica da própria experiência abriu as possibilidades aos produtores de **interpretar** seus ganhos e dificuldades com uma perspectiva de processo e com a convicção de estar realizando um exercício útil e necessário para seguir adiante. Dessa maneira, a sistematização lhes facultava o uso de sua própria experiência como uma ferramenta substantiva não só para repetir de maneira melhorada as ações, como também para compartilhar com outros produtores de outras regiões seus próprios ganhos.

Após esta experiência estamos mais convencidos de que a sistematização popular como reconstrução crítica do próprio processo, para aprender com ele, será mais válida quanto mais se assuma como um exercício **útil** aos próprios setores populares com os quais trabalhamos.

Esta sistematização se realizou ao longo de uma intensa jornada de um só dia; claro que não poderia ter se realizado assim, não fossem os antecedentes trabalhados previamente. É uma mostra muito correta de como se pode sistematizar uma experiência de forma prática, profunda e útil e em um tempo limitado.

**b) Uma oficina permanente de sistematização, permanente de verdade.**

Em junho de 1988, por ocasião de uma reunião do comitê diretor do CEAAL em Lima, Peru, vários centros interessados no tema da sistematização decidiram formar a *Oficina Permanente de Sistematização CEAAL-Peru*. Seu objetivo era continuar avançando na reflexão sobre concepção e metodologia de sistematização. Efetivamente, durante o primeiro ano, reunindo-se de maneira regular, a reflexão centrou-se no conceito de sistematização e suas bases epistemológicas.

A partir de 1989, decidiram fazer da *Oficina* um espaço de aprendizagem coletiva sobre sistematização, mas a partir de uma experiência concreta posta em prática.. Assim, assumindo criadoramente a proposta metodológica formulada pelo CELATS (Centro Latino-americano de Trabalho Social), deram seguimento a uma experiência de sistematização que começou a desenvolver o TACIF (Oficina de Pes-quisa e Capacitação Familiar), em relação a seu trabalho de apoio ao processo de centralização da organização de "*Refeitórios Populares*" num distrito de Lima, de San Juan de Lurigancho.<sup>74</sup> A discussão dos avanços que TACIF apresentava, permitia aprofundar prática e teoricamente nas buscas que a *Oficina Permanente* se havia proposto. Essa dinâmica caracteriza seu processo durante 1990 e 1991.

Em agosto de 1991, encerra-se uma etapa, com a realização de uma **oficina de intercâmbio**, na qual se consegue partilhar as

---

<sup>74</sup> Os "refeitórios populares", surgidos no início da década de oitenta no Peru, são uma organização popular de mulheres motivadas pela necessidade de enfrentar a fome de suas famílias. Assim, coletivizando a aquisição e a preparação de alimentos, começaram a reunir-se e atuar em conjunto. A partir dessa primeira ação, os refeitórios foram se convertendo em espaços de encontro, de solidariedade, de formação, de organização. Progressivamente foram se organizando por zonas e distritos de Lima, até chegar a constituir uma organização metropolitana e de projeção nacional, que chegou a agrupar a cerca de 250.000 mulheres. O distrito de San Juan de Lurigancho é um dos maiores de Lima, com cerca de 800.000 habitantes. O TACIF trabalha apoiando a organização de refeitórios desde 1982, realizando ações de assessoria, capacitação e comunicação.

propostas conceituais e metodológicas de diferentes centros e grupos peruanos.

Processando o melhor desse período, Maria Mercedes Barnechea, Estela González e María de la Luz Morgan, enfrentam a tarefa de redigir e editar um excelente material teórico-metodológico: "*Y cómo lo hace? Propuesta de método de sistematización*". Nele, não só apresentavam uma proposta metodológica, como davam conta de sua concepção de sistematização, de sua relação com o trabalho de animação e os fundamentos epistemológicos que a sustentam.

Em meados de 1992, a equipe decide aproveitar a experiência acumulada, **para partilhar suas aprendizagens em uma experiência de capacitação**. Por isso, convoca uma *Oficina Nacional de Sistematización*, que ocorre de 20 a 24 de julho, em Lima.<sup>75</sup> Nele se reflete coletivamente a concepção de sistematização, a proposta de método da *Oficina Permanente*, realizam-se exercícios práticos e apresenta-se a experiência de TACIF, já mencionada. Participam dessa oficina representantes de 26 instituições peruanas.

Nessas mesmas datas, nos finais de tarde, a equipe decide organizar também um *Seminário de intercâmbio e debate sobre sistematización*, aberto a um número maior de pessoas e de instituições. Nele há uma aprofundamento em torno dos temas: "A sistematización e a produção de conhecimentos"; "Demandas das instituições à sistematización" e "Desafios da promoção popular, hoje".<sup>76</sup>

---

<sup>75</sup> . Nessa iniciativa tivemos a sorte de participar, junto com Teresita Quiroz, do Centro El Canelo (Chile).

<sup>76</sup> Na realidade, esta cadeia de ações desencadeadas pela *Oficina permanente de sistematización CEAAL-Peru*, chegou a produzir uma trilogia de materiais, que se retroalimentam uns aos outros: "*Y como lo hace? Propuesta de método de sistematización*", Lima, agosto de 1992; "*I Oficina nacional de sistematización*", 20-24 de julho de 1992; "*Memoria*", Lima, agosto de 1992; "*Seminario de intercambio y debate sobre sistematización*", 20-24 de julho de 1992. Lima, junho de 1993. A esta trilogia temos que somar o resultado principal da experiência de sistematização que serviu de referência: María Mercedes Barnechea, "*Con tu puedo y con mi quiero...El proceso de centralización de San Juan de Lurigancho*", TACIF, julho de 1991. Recomendamos este texto por sua clareza de exposição, porque permite localizar com precisão as diferentes etapas do processo assim como os aspectos priorizados pela sistematização, e porque reflete como conteúdo o que em outros se apresenta como metodologia.

Quer dizer, a *Oficina Permanente* desenvolve uma diversidade de ações, todas em torno a um quefazer principal, mas que abrangem múltiplos esforços teóricos e práticos, individuais e coletivos, com alcances diversos, que vão desde melhorar a capacidade pessoal para elaborar uma proposta de sistematização, até projetar o tema em espaços de ampla difusão. É claro que este trabalho não teria sido possível sem persistência nem consistência, ambos aspectos a ressaltar nessa equipe de pessoas extraordinárias.

Mas a busca não termina aí; um ano depois, em julho de 1993, aproveitando a vinda à luz dos materiais produzidos, decidem convocar os participantes da oficina nacional de 92 para uma *Jornada de reencontro*, com o fim de partilhar os avanços e dificuldades encontrados para sistematizar nesse período. Igualmente, realiza-se uma nova atividade de *reflexão e debate*.<sup>77</sup> De ambas, surgem pistas para continuar avançando no futuro.

Por isso não é de se estranhar que, em 1994, no Conselho de Educação de Adultos da América Latina (CEAAL) tenha sido decidido constituir, a nível latino-americano, um **"Programa de Apoio à Sistematização"**, tomando como um dos mais importantes pontos de referência o esforço sustentado e a dinâmica gerada e alimentada pela *Oficina permanente de sistematização CEAAL-Peru* ao longo desses seis anos.

Por tudo isto, essa nos parece, uma experiência significativa, da qual vale a pena aprender.

---

<sup>77</sup> Na qual pudemos contar felizmente com as contribuições de Jorge Osorio, Secretário Geral do CEAAL, que vinha apoiando o processo da *Oficina Permanente*

**c) Uma rede nacional recupera sua prática de formação :**

A AIPE, (Associação de Instituições de Promoção e Educação), é uma das quatro redes nacionais de ONGs da Bolívia. A partir de 1986, realiza um programa de capacitação de educadores populares (PROCEP), como programa sistemático de formação que contribuisse na superação do trabalho isolado das ONGs.

Cinco anos depois, propõe-se fazer um processo de sistematização dessa experiência, no qual podem participar tanto a equipe responsável como participantes no programa em diferentes anos e níveis.

O processo dura todo um ano e culmina com a elaboração de um produto escrito que contém as principais conclusões e que consiste em uma devolução crítica da informação recolhida, ordenada e processada por muitos.<sup>78</sup>

A sistematização lhes permite:

- a) identificar os principais momentos da experiência e as características de cada um deles.
- b) precisar a fundamentação conceitual que guiou o processo, particularmente em torno da concepção de educação popular no PROCEP.
- c) aprofundar o tema dos sujeitos da educação popular, particularmente o papel e a relação das ONGs e organizações populares.

---

<sup>78</sup> AIPE-PROCEP, *"Aquí estamos...En los 500 años de resistencia...Compartiendo y sistematizando una práctica de formación de educadores populares"*. La Paz, Bolívia, 1992. Recomendamos a leitura desse texto, onde se descreve com bastante detalhe o procedimento utilizado e se precisam os conteúdos trabalhados.

- d) ir passando de um roteiro sumamente abrangente a aspectos cada vez mais específicos e substanciais.
- e) vincular a interpretação do processo com as conclusões obtidas em uma avaliação anterior.

Enfim, é uma experiência significativa que conseguiu ser processada e compartilhada em termos metodológicos e conceituais, que servirá de inspiração para outras instâncias ou programas similares.

Por último, caberia mencionar nessa rápida lista, outras experiências interessantes que podem nos ajudar a formular nossa proposta de sistematização :

- A experiência da equipe Pueblo, do México<sup>79</sup> que ainda que seja uma avaliação de seus dez anos, contém muitos elementos de sistematização.
- A experiência da *União Nacional de Agricultores e Criadores (UNAG)*, da Nicarágua, que sistematizou sua própria experiência de organização produtiva, conseguindo formular uma proposta metodológica, educativa e orgânica baseada nas lições aprendidas.<sup>80</sup>
- A experiência do *Centro de Educação e Comunicação Popular CANTERA*, também da Nicarágua, que sistematizou ao longo de dois meses as diferentes etapas e características de um projeto de trabalho com jovens e crianças das zonas 4 e 5 da Ciudad Sandino, na qual a comunidade se envolveu.<sup>81</sup>

---

<sup>79</sup> - 80 *La búsqueda del sujeto social. El equipo Pueblo en sus diez años de experiencia en el movimiento social mexicano.* México, 1988.

<sup>80</sup> UNAG: "*El campesino va a saber organizarse.*" (*Guía metodológica para la organización del campesinado*). Manágua, 1988

<sup>81</sup> CANTERA, "*Cuál es la nota de los cipotes? Una experiencia de educación popular entre los niños y la comunidad*", Manágua, 1992.

- A experiência do *Instituto Mexicano para o Desenvolvimento Comunitário (IMDEC)*, coordenada por Roberto Antillón, sistematizando a riquíssima experiência de cinco anos de "escolas metodológicas" e as práticas da *Rede Nacional de Educação Popular*.<sup>82</sup>

E assim poderíamos seguir com muitas outras. Experiências concretas, algumas mais complexas que outras mas, em conjunto, mostram vivas de que a sistematização na América Latina não é só uma proposta, um sonho, uma idéia ou uma boa intenção: é uma prática que é possível, que é viável de múltiplas formas e que é indispensável realizar.

Oxalá estes exemplos - e este livro em geral - contribuam para que muitas pessoas que fazem educação ou animação popular, ou que impulsionam processos organizativos, animem-se a criar suas próprias propostas e a enriquecer sua prática e sua teoria com os ensinamentos de seu próprio processo. Oxalá esta proposta sirva a muita gente, como uma contribuição... para sistematizar experiências.

\*\*\*

---

<sup>82</sup> Antillón, Roberto: "*Sistematización de las escuelas metodológicas*", 1989 e Red Nacional de Educación Popular: *Plan de Sistematización*, 1987.